

Organizadora
Sônia Queiroz

Brasilidades que vêm da África



FALE/UFMG
Belo Horizonte
2014

Diretor da Faculdade de Letras

Luís Francisco Dias

Vice-Diretor

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Emanoela Lima

Diagramação

Gabriela Brasileiro

Revisão de provas

Nathalia Bonato

Stéphanie Paes

Endereço para correspondência

Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: revisores.fale@gmail.com

website: www.lettras.ufmg.br/labeled

Sumário

- 5 Apresentação**
- 7 Instrumentos musicais**
Juliana Araújo
- 23 Danças**
Marília de Cássia Souza de Castro
- 31 Culinária**
Daniela Chaves Ribeiro
Lucas Marquesini
- 49 Divindades**
Gustavo Dornas
- 63 Alcinhas**
Emanoela Cristina Lima
- 71 Qualidades pejorativas**
Gustavo Costa

83 Afeições

Gláucia Aparecida Franklim

91 Partes do corpo

Cassiane Freitas

Apresentação

A contribuição das línguas africanas na formação do português brasileiro é muito maior do que se supõe. Diversas palavras que utilizamos nos mais diferentes contextos são de origem africana (predominantemente das línguas quimbundo, quicongo, umbundo e iorubá), já completamente integradas ao vocabulário brasileiro: *berimbau, cafuné, acarajé, cuíca, candômlé, samba, angu, oxalá, muxiba, caçula, capenga, banguela, caolho, boboca, quiabo, moleque...* são alguns africanismos que integram a língua portuguesa falada e escrita no Brasil. Na Oficina de Texto em Língua Portuguesa: Lexicografia, ministrada pela professora Sônia Queiroz, em 2006, tivemos a oportunidade de investigar parte desse vocabulário.

Partimos de obras fundamentais no assunto: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raymundo (1933), *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça (1935), *Africanos no Brasil*, de Nelson de Senna (1938) e *Falares africanos na Bahia*, de Yeda Pessoa de Castro (2001). Cada estudante escolheu sete palavras do vocabulário de uma dessas obras, formando um pequeno *corpus* sobre o qual realizou o trabalho lexicográfico.

Embora a consulta a enciclopédias e dicionários fizesse parte da proposta desta pesquisa, o mais importante era construir os significados das palavras a partir da ocorrência desses africanismos em textos correntes em língua portuguesa, no intuito de verificar os usos dos vocábulos em textos diversos: jornalísticos, literários, acadêmicos, informais, letras

de músicas e receitas culinárias. Esses textos, ou parte deles, foram utilizados também como abonações, na elaboração dos verbetes. A Internet contribuiu bastante nesta etapa da pesquisa, uma vez que fizemos uso de *sites* de busca como Google e Cadê para encontrar textos nos quais havia o registro dos africanismos selecionados. Verificamos, também, o número de ocorrências dos vocábulos nesses *sites*.

Por fim, analisamos o registro desses vocábulos em alguns dos mais importantes dicionários brasileiros da língua portuguesa (*Aurélio, Houaiss* e Borba), observando as acepções atribuídas a esses vocábulos, e comparando-as ao sentido formulado em nosso trabalho inicial de pesquisa. Finalmente, os africanismos foram agrupados por campo semântico: instrumentos musicais, danças, culinária, divindades, alcunhas, qualidades pejorativas, afeições e partes do corpo.

Instrumentos musicais

Juliana Araújo

Balafom



Precursor do xilofone, o balafom, instrumento típico de certas regiões da África Ocidental, é constituído por uma série de placas de madeira de diversos tamanhos. Possui cabaças ou tubos de metal por baixo, que funcionam como caixas de ressonância. Cordas de tecido amarram essas teclas à estrutura de madeira e cabaças ficam abaixo para a ressonância das notas e projeção do som. Sua forma é trapezoide e seu som melódico, ativo e excitante.

O balafom é tocado com duas baquetas leves com pontas de tecido. É um instrumento leve o suficiente para que o músico o toque tanto sentado como de pé (neste caso, pendurado ao pescoço), ficando o músico livre para cantar, dançar e tocar o instrumento ao mesmo tempo. É comum o músico usar também várias pulseiras e anéis, o que adiciona

mais ressonâncias ainda, mais sons percussivos e harmônicos prazerosos constantes ao som como um todo.

No que diz respeito à sua etimologia, convém ressaltar que tal palavra provém do francês *balafon*, que indica quem toca o instrumento. Seu verdadeiro nome é *balan* ou *bala* (instrumento). O sufixo *-fo* indica o tocador de bala. Entretanto, apesar de sua etimologia francesa, o instrumento mesmo é de origem africana. Trata-se de um instrumento considerado sagrado, sendo tocado em cerimônias festivas em homenagem aos deuses. No bala, importantes figuras da história do povo, heróis e outras personalidades são cantadas. Assim, toda a tradição e história vão sendo mantidas e contadas de geração para geração.

O balafom susso, tido como o mais antigo dentre eles, é guardado com muito cuidado em Niagassola, por uma família de griôs (guardiões da tradição oral e das histórias e fábulas dos mandingue). Tal família griô acredita que os balafons, tocados nas longas festas noturnas, são descendentes diretos deste *bala susso*.

Quanto às ocorrências desta palavra na língua portuguesa do Brasil, nos dicionários adotados como ponto de partida para a pesquisa dos verbetes, foi encontrada somente uma ocorrência, sendo esta no *Dicionário Houaiss*. Já no *Dicionário Aurélio*, a reminiscência está na variação *balafó* e *balafó*. Cabe ressaltar que este instrumento também é conhecido como *marimba*, sendo esta última palavra mais difundida no Brasil.

Na Internet, através do *site* de busca Google, foram encontradas 1.440 páginas em português em que há ocorrência desta palavra. Estas ocorrências variam entre *sites* enciclopédicos, artigos, *releases* de eventos de grupos musicais e *sites* comerciais com o objetivo de venda dos instrumentos.

No campo musical, foram encontradas quatro ocorrências da palavra *balafon* em letras de música de compositores brasileiros. A título de exemplo, segue a música "Balafon", do cantor e compositor Gilberto Gil:

Isso que toca bem, bem
Isso que toca bem, bem
Chama-se balafon
Em cada lugar tem
O nome deve ser outro qualquer
no Camerum
Isso que a gente chama marimba
Tem na África todo mesmo som
Isso que toca bem, bem
Num lugar, não lembro bem
chama-se balafon¹

Banjo



O banjo é um cordofone dedilhado, com braço comprido e estreito e caixa de tambor. O número de cordas é variado, podendo ser de quatro, cinco ou seis cordas.

Embora sua etimologia venha ressaltada como do inglês *bandore*, este instrumento é originário da África. Foi levado no século XVII para a América pelos escravos negros. Neste local, foi adotado por grupos ambulantes de músicos brancos do século XIX. O primeiro banjo levado pelos negros africanos aos EUA era feito de uma espécie de abóbora, um pedaço de madeira e cinco cordas. Apesar de não ser o instrumento que formou o ritmo *blues*, contribuiu para o desenvolvimento das técnicas que antecederam ao estilo.

¹ BALAFON (Gilberto Gil).

Segundo informações de Pixinguinha, o banjo foi divulgado no Brasil por Gastão Bueno Lobo nos últimos anos de 1910. Em seguida, teve relativa importância nas chamadas *jazz bands* dos anos 1920 e 1930. Durante os próximos 40 anos, desapareceu um pouco de cena, voltando a ser empregado em 1970 nos conjuntos de pagode, nos quais ainda permanece em auge.

Quanto à sua ocorrência no português do Brasil, embora seja recente (século XX), é muito difundida, principalmente, na região sudeste, onde o estilo musical pagode tem maior propagação.

Como forma de registro, tal palavra é encontrada nos dicionários *Houaiss*, *Aurélio* e *Borba*, que foram adotados como fonte maior de pesquisa para a elaboração do verbete.

Na Internet, através do *site* de busca Google, foram encontradas 156 mil páginas brasileiras, nas quais há ocorrência desta palavra. Grande parte destas contendo enciclopédias virtuais ou anúncios de venda do instrumento. Além destas, há diversas ocorrências da palavra *banjo* em letras musicais. Ressaltamos que foram encontradas também diversas remissões ao vocábulo em *sites* de piadas e adivinhações.

Segue a canção "O som do meu banjo", interpretada por Herlon, em que há a ocorrência do vocábulo *banjo*:

É com o som do meu banjo que eu vou te fazer cantar
É com o som do meu banjo que eu vou te fazer sambar
Se você não sabia agora vai conhecer
Esse instrumento de som tão gostoso
Com a batucada é de enlouquecer
No pagode de mesa se não tiver banjo tu pode chamar o Procon
É propaganda enganosa, samba de roda se não tiver banjo não é bom
Harmonizando com o cavaquinho e violão
Já te tiraram da frente, quebraram a corrente, faltou pulsação
E hoje... hoje parece piada não falta você dando gargalhada
Muito obrigado meu banjo por ter me dado essa luz
Hoje já ficou mais fácil carregar a minha cruz
Muito obrigado meu banjo, você é quem me conduz
Por ter escutado os conselhos de Almir Guineto e Arlindo Cruz
Meu banjo, meu banjo²

² O SOM do meu banjo.

Berimbau



O berimbau é um instrumento de percussão, de origem africana, que foi trazido para o Brasil pelos escravos africanos do grupo banto. É feito com um arco de madeira (denominada biribá) e com um fio de arame preso nas duas extremidades desse arco. Uma cabaça com uma abertura em um dos lados é presa à parte inferior externa do arco, aproximadamente 20 a 25 cm da ponta do instrumento, com um pedaço de corda. Tal corda também é amarrada em torno do fio de arame, alterando o som quando é pressionada. O tocador utiliza uma pedra ou moeda, a vareta e o caxixi para produzir os sons do berimbau.

Existe uma técnica muito interessante para tocá-lo. Mantém-se o instrumento erguido na vertical pela mão esquerda e com a mesma mão segura-se a moeda que durante o toque do berimbau será, várias vezes, pressionada contra o arame, mudando o tom. A cabaça deve ficar na altura do abdômen do tocador, pois este modifica seu som aproximando e afastando a cabaça de seu corpo. Com a vareta na outra mão, executam-se as batidas no arame do berimbau, segurando também, na mesma mão, o caxixi, preenchendo o som da batida da vareta e fazendo um "fundo" de acompanhamento ao som da cabaça.

Etimologicamente, a palavra vem do quimbundo *mbirimbau*. Acredita-se que tenha adentrado no Brasil por volta do século XVI com os negros africanos de diferentes países como Angola, Congo, Moçambique, Zaire e outros. Por isso, também é conhecido pelos nomes: *urucungo*, *urucongo*, *orucungo*, *oricungo*, *uricungo*, *rucungo*, *ricungo*,

berimbau-de-barriga, gobo, marimbau, bucumbumba, bucumbunga, gunga, macungo, matungo, mutungo, aricongo, arco musical, rucumbo, dentre outros.

No Brasil, o berimbau é usado tradicionalmente em cerimônias do candomblé e na capoeira para marcar o ritmo da luta. Na capoeira de Angola existem três berimbaus. Os nomes variam de acordo com a afinação da corda e o tamanho da cabaça. O gunga tem o som mais grave e faz a marcação do toque. Possui uma cabaça maior e raramente executa uma virada durante a melodia. Já o médio tem o som regulado entre o grave do gunga e o agudo do violinha. Como o próprio nome informa, possui uma afinação mediana que permite ao tocador executar a melodia fazendo o solo da música. O violinha tem um som agudo e faz apenas o papel de executar as viradas e floreios dentro da melodia.

A palavra *berimbau* é muito recorrente no Brasil, quer seja na literatura escrita de um modo geral, quer seja na literatura oral. Suas maiores ocorrências estão nas regiões cariocas e baianas, nas quais a presença do negro afrodescendente e de sua cultura é mais marcante. Encontra-se presente nos três dicionários utilizados como base para pesquisa, a saber, *Aurélio, Houaiss* e *Borba*.

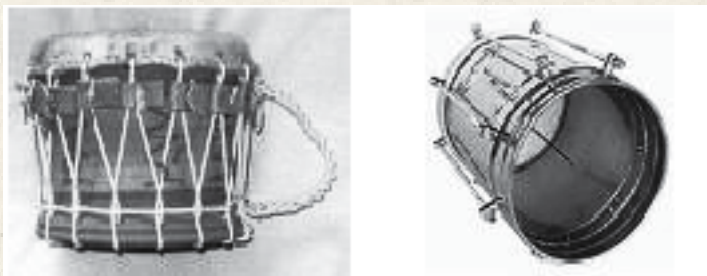
No Google, encontrou-se cerca de 127 mil páginas em português do Brasil, nas quais há ocorrências dessa palavra. A maioria voltada para *sites* enciclopédicos, comerciais e musicais. Com relação ao campo musical, foram encontradas cerca de 50 composições nas quais a palavra *berimbau* se destaca.

É de grande valia ressaltar também que a palavra *berimbau* tem uso recorrente em *sites* voltados para a área cultural brasileira, principalmente, em páginas voltadas para a questão da capoeira. Além disso, é relevante citar que houve reminiscências em *sites* governamentais, voltados para a valorização da cultura africana, disseminando muitas informações sobre os negros afrodescendentes e diversos eventos ligados ao movimento de consciência negra e de sua importância para a própria cultura brasileira.

Segue um trecho da letra de "Berimbau", interpretada pelo grupo Olodum, em que há o registro do vocábulo *berimbau*:

Oh berimbau
pedaço de arame pedaço de pau
junto cum cabaça virou berimbau
berimbau sim, berimbau não
berimbaberimba
berimbau sim
berimbau sim, berimbau não
berimbaberimba berimbau³

Cuíca



A cuíca é um instrumento de fricção tradicional do Brasil e muito usado no carnaval. É feita com um pequeno barril, com uma pele bem estirada em uma das bocas, em cujo centro está presa uma haste de madeira pelo lado interno.

O som é obtido friccionando esta haste segurando um pedaço de tecido molhado com o polegar, o indicador e o dedo médio e pressionando a parte externa da cuíca com o dedo. A vibração, através do deslizamento do pano pela haste, articulando diversos ritmos e os tons produzidos, tenta imitar a voz na forma de grunhidos, gemidos e guinchos, produzindo um ronco bem característico.

Etimologicamente, a palavra é tida como provinda do tupi *ku'ika*, conforme destacam os dicionários *Aurélio* e *Houaiss*. Neste último, acusa-se que a palavra pode provir de cruzamento com *puíta*, sendo encontrada como *cuica* em 1817 e *cuíca* em 1938.

³ BERIMBAU (Olodum).

A cuíca é um dos instrumentos afro-brasileiros dos quais as origens são menos conhecidas. Parece que ela foi trazida ao Brasil por escravos africanos banto, mas também há indícios de que ela possa ter sido trazida por negros de outras partes do nordeste africano. Conforme destacado no Wikipédia, “a cuíca era também chamada de ‘rugido de leão’ ou de ‘tambor de fricção’. Em suas primeiras encarnações era usada por caçadores para atrair leões com os rugidos que o instrumento pode produzir.”⁴

Tal instrumento é muito difundido na música popular brasileira, principalmente, fazendo parte das baterias das escolas de samba, nas quais foi introduzido por volta de 1930.

Popularmente, se diz que um bom tocador de cuíca é aquele que consegue produzir diversos sons do instrumento. Essa técnica foi criada no Rio de Janeiro e é uma das grandes riquezas da percussão nacional.

No que diz respeito às ocorrências desta palavra, conforme foi dito anteriormente, ela foi encontrada nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e também no *Borba*. O primeiro cita uma ocorrência no conto de Telmo Vergara, presente no livro *Contos da vida breve*.

No Google, foram encontradas 102 mil páginas brasileiras, nas quais há ocorrências desta palavra, distribuídas em *sites* enciclopédicos, comerciais e com *releases* de eventos.

No campo musical, encontrou-se ocorrência desta palavra como nome de artista e em cerca de 24 letras musicais, segue um trecho da música “O ronco da cuíca”, de João Bosco:

Roncou, roncou
Roncou de raiva, cuíca, roncou de fome
Alguém mandou
Mandou parar a cuíca coisa dos homi⁵

⁴ CUÍCA.

⁵ O RONCO da cuíca.

Djembê



Também chamado de *djimbe*, *jembe*, *jenbe*, *yembe* e *sanbanyi*, o djembê é um instrumento musical de percussão (membrafone) pertencente à família dos tambores de taça. Trata-se de um tambor no formato de cálice, confeccionado em tronco de madeira escavado, com pele de cabra ou antílope esticada na parte mais larga, que pode variar de 30 a 40 cm de diâmetro.

O djembê é um instrumento de percussão cuja origem é algo polêmica. Supõe-se que este instrumento surgiu na Guiné, na África Ocidental. Este instrumento é muito antigo e até hoje é importante nas culturas africanas, sobretudo na região mandinga, que compreende os países Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso, Senegal e Guiné. Sua tradição é mantida pelos mestres e artistas sérios dessa porção do continente e, ao redor do mundo, por todos aqueles que sabem o real valor dessa tradição e se esforçam para divulgá-la e mantê-la viva e respeitada.

Geralmente, o djembê é tocado em pé, com o instrumento sustentado por alças presas ao ombro, ficando abaixo da cintura do executante. Seu formato em cálice permite que o músico se movimente livremente, executando passos de danças enquanto toca. Também pode ser tocado com o músico sentado, com o instrumento entre as pernas.

O som do instrumento é obtido por percussão direta com as palmas das mãos. É possível obter diversos sons, devido ao formato do instrumento e à largura da pele. Três sons são básicos: *slap*, *open* e *base*. O *slap* é formado a partir do toque no rebordo da pele, que dá origem a um

som mais aberto. Já o *open* é obtido através do toque entre o rebordo e o centro, produzindo um som mais fechado. Por fim, a *base* é obtida com o toque no centro da pele, gerando um som mais profundo e grave. De maneira resumida, pode-se dizer que próximo ao centro o som é grave e vibrante e que próximo ao aro é mais agudo. Cabe ressaltar que um músico experiente pode obter diferentes nuances de som ao tocar com a palma da mão ou as pontas dos dedos. Sem contar que uma das mãos pode ser usada para abafar a pele enquanto a outra percute, produzindo variações de timbres entre as notas.

Ao longo do tempo, o djembê passou por diversas evoluções em seu formato e na sua montagem. Alguns djembês industriais são feitos de fibra e com peles sintéticas, ganhando em vocábulos de durabilidade e perdendo em vocábulos de riqueza do som.

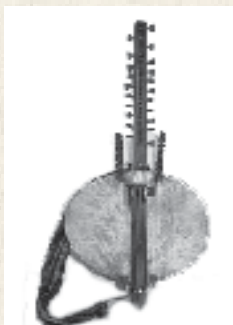
Com relação à ocorrência da palavra *djembê* no português do Brasil, pode-se dizer que na literatura escrita, ela é poucas vezes encontrada. A começar por seu registro, uma vez que não foi encontrada nos três dicionários adotados como fonte de pesquisa para elaboração dos verbetes, a saber: *Aurélio*, *Houaiss* e Borba. Na internet, através do *site* de busca Google, foram encontradas 10.900 ocorrências da palavra em páginas do português do Brasil. Lembrando que várias páginas remetem umas às outras, contendo o mesmo material publicado. Além disso, cabe destacar que grande parte dos *sites* nos quais contêm ocorrências desta palavra, são *sites* enciclopédicos e de compra/venda do instrumento.

Foi encontrada apenas uma música contendo a palavra *djembê*, ela é intitulada "Bragaboy", segue o trecho em que a palavra ocorre:

Como uma estrela a (*sic*) noite
Feito pedra de rubi
Mão no djembe (*sic*)
Pra se ligar
Das mãos do mundo
Tambor de bragadá⁶

⁶ BRAGABOY.

Kora



Instrumento representativo da cultura mandinga, uma populosa etnia islâmica da costa ocidental africana. É um instrumento tradicional que acompanha os griôs, trovadores errantes, misto de poetas e cronistas.

Kora é um instrumento de cordas construído a partir de uma metade de cabaça grande, forrada com pele, e de um braço longo e cilíndrico de madeira, com duas pegas que sustentam até 25 cordas de *nylon* dedilhadas. Antigamente, as cordas eram de couro de gazela. Trata-se de um instrumento semelhante a uma harpa dupla, de execução muito complexa e afinações muito diversas. Toca-se com os dedos das duas mãos, produzindo timbres cristalinos em densa malha rítmica.

Quanto à sua provável etimologia, nos dicionários consultados acredita-se que seja uma palavra crioula, do mandinga *Ko'ra*. Consultando o meio eletrônico, alguns artigos afirmam que o instrumento provém do Mali, outros informam que este instrumento foi criado em Guiné-Bissau, todos destacando ser símbolo da cultura mandinga.

Esta palavra ocorre nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss* com a sua variante *corá*. No Google, foram encontradas somente 1.350 páginas em português que faziam referências a esta palavra. Entretanto, grande parte com artigos e *releases* repetidos. Em muitas dessas páginas, havia referências a artistas africanos e afrodescendentes que adotam este instrumento como destaque do seu grupo musical. Além disso, foram encontradas várias ocorrências destinadas a *sites* de compras/vendas

do kora. Com relação a letras de músicas, encontrou-se apenas uma ocorrência desta palavra, na letra da música “Caruma”, composição de João Afonso Lima:

Dorme, dorme, meu menino
ao som do kora
estrelas brancas são o caminho
no céu do Sahara ⁷

Marimba



Marimba é um instrumento de percussão originário da África. Este xilofone artesanal é formado por uma série de lâminas de madeira ordenadas, de diversos tamanhos, percutidas com duas baquetas e dispostas sobre cabaças que funcionam como caixas de ressonância. Os fios que seguram as barras são feitos de pele de cabra ou cervo, que é mais resistente.

Etimologicamente, esta palavra provém do quimbundo, composto de *ma* (prefixo de plural) + *rimba* (tambor). Possui diversos nomes conforme a região e o país africano: *bala*, *balo*, *kponimbo*, *madimba*, *kundu*, *valimba*, *endara*, *shijimba*, *silimba*, *medzang*, *dyomoro*, *rongo*, *mbira*, *mutondo*, *mbila*, *timbila*, *balangui*, *akadinda*, *kalamba*, *ilimba*, *baza*, *dimba*, *madimba*, *dipela*, *elong*, *dzil*. Mas, no Brasil, o nome mais difundido é *marimba*.

Nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e *Borba* foram encontradas ocorrências desta palavra. Na internet, houve 22 mil ocorrências em pági-

⁷ CARUMA.

nas brasileiras de língua portuguesa. A grande maioria voltada para *sites* enciclopédicos e comerciais que objetivam a venda do instrumento.

Além disso, foram encontradas nove ocorrências em letras musicais. Já na literatura oral, esta palavra parece ser muito difundida no Brasil, principalmente, na região nordestina. No *Dicionário Aurélio* é encontrada a denotação de “piano ruim, de má qualidade” para designar este instrumento no estado do Rio de Janeiro.

Segue um trecho da letra da canção “De tal maneira”, de Fael Mandego, em que o vocábulo *marimba* ocorre:

Vem marimba
me tirar do meu lugar
sem me avisar
Um céu de mim
e mais ninguém eu vi
Vou de tal maneira
a ficha caiu.⁸

Reco-reco



O reco-reco é um idiofone tradicional com formas muito variadas, pertencendo à família dos idiofones de raspagem, dentro do grande grupo dos instrumentos de percussão. A forma mais comum é constituída de um gomo de bambu ou uma pequena ripa de madeira com talhos transversais.

O som é produzido por meio da fricção de uma pequena vareta na parte que tem cortes ou saliências.

⁸ DE tal maneira.

Antigamente, era feito com o fruto da cabaceira (mesmo da cabaça do berimbau), das que fossem compridas, então era serrado na superfície, fazendo-se vários cortes, não muito profundos, um do lado do outro, nos quais era esfregada a baqueta. Hoje, há reco-reco feito de gomos de bambu, de madeira ou de metal.

Possui vários nomes como: *ganzá, casaca, coitacá, caracaxá, raspador, querequexé, canzá, reque-reque*.

A etimologia da palavra é onomatopeica, representando o ruído semelhante ao que é produzido por esse instrumento. Já o instrumento em si, parece ter origem africana, pois é encontrado em várias manifestações culturais afro-brasileiras. Era usado pelos negros africanos e indígenas brasileiros. Hoje, acompanha muitas danças populares do Brasil, associadas à alegria e às ligações espirituais, como: no candomblé, na capoeira de angola e no acompanhamento de músicas carnavalescas, principalmente, na bateria das escolas de samba. Afinal, trata-se de um instrumento de percussão fina que enriquece um conjunto com detalhes e variedade sonora.

A palavra *reco-reco* é recorrente no português do Brasil. É possível encontrá-la nos dicionários *Aurélio, Houaiss* e Borba. No meio eletrônico, através do *site* de buscas do Google, encontrou-se 38.600 páginas em português distribuídas em diversas modalidades: *sites* enciclopédicos, comerciais, dicionários *online*, enfim, páginas destinadas à divulgação de eventos culturais etc.

No campo musical, encontraram-se cerca de 26 letras para as quais há referências em anexo. Vale ressaltar que a grande maioria se remete ao ritmo do axé, do pagode e do samba.

Na área literária, há ocorrências desta palavra em contos e poesias. Enfim, na literatura oral, é muito difundida nos contextos culturais voltados para a dança e a música, merecendo destaque as regiões carioca e baiana. Como exemplo, segue a composição "Viva meu samba", de Billy Blanco, interpretada por Jair Rodrigues:

Violão, pandeiro, tamborim na marcação
e reco-reco
Meu samba
Viva meu samba verdadeiro porque tem teleco-teco⁹

⁹ VIVA meu samba.

Referências

- AGOGO. Disponível em: <<http://www.agogo.nl/MultiMedia/lyrics/bambas/quemvemla.htm>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- APRENDA capoeira. Disponível em: <http://br.geocities.com/florindo_marques/capoeira/aprenda.html>. Acesso em: 16 out. 2008.
- BALAFON (Gilberto Gil). Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/345102>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- BALAFON. Disponível em: <<http://kwe.ceja.neji.vilabol.uol.com.br/balafon.htm>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- BANJO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Banjo>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- BERIMBAU (Olodum). Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/olodum/345441>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- BERIMBAU. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/especiais/percussao/berimbau.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BRAGABOY. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/bragada/bragaboy.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- CARUMA. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/joao-afonso/caruma.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- CUÍCA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cu%C3%ADca>>. Acesso em: 16 out. 2008. Acesso em: 16 out. 2008.
- CUÍCA. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/especiais/percussao/cuica>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- DE tal maneira. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/fael-mandego1161102>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- DJEMBE. Disponível em: <<http://www.djembe.com.br>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- DJEMBE. Disponível em: <<http://www.djembedon.com/djembe.php>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- DJEMBÊ. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Djemb%C3%AA>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INSTRUMENTOS musicais confeccionados e utilizados pela Orquestra Percussiva Officina Affro. Disponível em: <<http://oficinaaffro.sites.uol.com.br/instrumentos.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- INSTRUMENTOS. Disponível em: <<http://asideiasescritas.blogspot.com/2006/07/msica-do-mali.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.
- INSTRUMENTOS. Disponível em: <<http://www.freipedro.pt/tb/250997/opin10.htm>>. Acesso em: 16 out. 2008.

INSTRUMENTOS. Disponível em: <http://www.meloteca.com/dicionario_instrumentos.htm>. Acesso em: 16 out. 2008.

KORA instrumentos tradicionais. Disponível em: <<http://espacotempo.wordpress.com/instrumentos-tradicionais-o-kora>>. Acesso em: 16 out. 2008.

LISBOA descobre a música do Senegal pela 'kora' de Cissoko. 1 maio 2005. Disponível em: <http://dn.sapo.pt/2005/05/04/artes/lisboa_descobre_a_musica_senegal_pel.html>. Acesso em: 16 out. 2008.

O RONCO da cuíca. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/ceu/o-ronco-da-cuica.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.

O SOM do meu banjo. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/herlon/534552>>. Acesso em: 16 out. 2008.

TAMBORES. Disponível em: <<http://nacoeseacordacultura.uniblog.com.br/85013/no-rufar-dos-tambores.html>>. Acesso em: 16 out. 2008.

Danças

Marília de Cássia Souza de Castro

Introdução

No campo semântico da música, há várias danças, folguedos e cantigas que foram introduzidas nos costumes do Brasil por negros africanos que vieram no período da escravidão. Entre elas estudaremos sete: *bumba meu boi*, *candomblé*, *congado*, *jongo*, *lundu*, *maracatu* e *samba*.

Essas festas contagiaram a cultura brasileira originando “modinhas” e ritmos que se popularizaram. O que é para o Brasil uma contribuição cultural, para os negros escravos era “um verdadeiro lenitivo aos seus duros sofrimentos no cativeiro.”¹

Bumba meu boi

A palavra *bumba*, de acordo com Houaiss, “é de origem controvertida, provavelmente do quicongo *mbumba* ‘bater’”.

Bumba meu boi ou *boi-bumbá* são vocábulos registrados também por Nelson de Senna em *Africanos no Brasil*.

Essa dança é das principais manifestações folclóricas brasileiras. A figura do boi é uma referência aos faraós do Egito que adoravam o Boi Ápis, deus da fertilidade. Seus praticantes utilizam uma cabeça de boi empalhada e no corpo vestem tecidos coloridos e bastante enfeitados.

Apresentam-se em praças públicas por várias regiões brasileiras, principalmente no Norte e Nordeste. Ocorre ao som de cantigas (autos)

¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 165.

entoadas por cantadores que narram a história de um casal de negros que roubou uma novilha de uma fazenda e depois a matou, repartindo com outros negros. Segundo a lenda, o boi é ressuscitado, a pedido do fazendeiro, por um índio feiticeiro.

Bumba meu boi veio como empréstimo e se integrou ao português do Brasil com algumas variantes: *boi-bumbá*, *boi de reis*, *bumba-boi*, *boi-surubi*, *boi-calemba* ou *boi de mamão*.

Segue um trecho da música “Boi-bumbá”, de Waldemar Henrique:

Batucando
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando
A noite inteira encurralado
Batucando... bumba meu “Pai do Campo”
Ô, ô, ô bumba-meu-boi bumbá²

Candomblé



É uma cerimônia religiosa que reúne um ritual de dança, batuques e práticas de feitiçaria. De acordo com Nelson de Senna: “candomblé: nome afronegro, alterado de *candombe* ou *candombé*, vindo do quimbundo [...] por intermédio dos escravos procedentes de Angola”. O autor ainda acrescenta que: “em línguas dos nativos de Angola há a expressão *quiadubinéi*, alterada pelos crioulos em *quiandublé*, significando o que é ‘carnal’, ‘lascivo’, ou ‘luxurioso’; como ainda certas práticas religiosas: no ritual afronegro das macumbas, cangerês e catimbós”.³

² BOI-BUMBÁ.

³ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 192.

O candomblé se distingue da umbanda por manter suas características ancestrais e preservar antigos ritos, como o sacrifício de galinhas e bodes.

As variantes pesquisadas por Nelson de Senna são: *candombê*, *candomblê* e *candomblé* e foram incorporadas ao vocabulário luso-brasileiro.

Há várias modalidades de candomblés: candomblé de caboclos, candomblé de jeje, candomblé de negro e candomblé de tapa.

O candomblé possui algumas divindades: os sacerdotes, os orixás e outros deuses. Seus frequentadores são: o condombleiro ou candomblezeiro, que na Bahia é o praticante do candomblé.

Há ocorrência do vocábulo *candomblé* na música de Ari Barroso "No tabuleiro da baiana", interpretada por Dorival Caymmi:

No coração da baiana também tem
Sedução, canjerê, candomblé, ilusão
Pra você
Juro por Deus, pelo Senhor do Bonfim
Quero você baianinha inteirinha pra mim
Mas depois, o que será de nós dois
Seu amor é tão cruel, enganador⁴

Congado

Também é conhecido como *dança dos congos* e *dança de congada*, conforme registros de Nelson de Senna. Yeda Pessoa de Castro define o vocábulo como: "auto popular durante o qual se celebra a coroação do Rei do Congo, o Manicongo, e da Rainha Jinga".⁵

No Brasil, essa dança popularizou-se, adaptando-se em algumas regiões como Sudeste (MG), Sul (PR) e também no Nordeste (PB).

Seu festejo dramatiza

procissão de escravos feiticeiros, capatazes, damas de companhia e guerreiros que levam a rainha e o rei negro até a igreja, onde serão coroados. Durante o cortejo, ao som de violas, atabaques e reco-recos, realizam danças com movimentos que simulam uma guerra.⁶

⁴ NO tabuleiro da baiana.

⁵ CASTRO. *Falares africanos na Bahia*, p. 210.

⁶ CONGADA.

Clara Nunes interpretou a música “Ijexá”, de composição de Edil Pacheco, em que é feita referência a *congado*, segue o trecho:

A sua riqueza
Vem lá do passado
De lá do congado
Eu tenho certeza
Filhas de Gandhi
É povo grande⁷

Jongo

O jongo também é conhecido como *caxambu*, *dança de umbigada* e *jongada*.

Estudos de Nelson de Senna relatam que *jongo* é um provável brasileiro e o define como designativo de uma dança outrora usada pelos negros escravos nos terreiros das fazendas e senzalas; uma variedade do batuque africano. Do nome ficou derivado o verbo *jongar*.

Segundo Aurélio: “do quimbundo *jihungu* [...] dança de roda, espécie de samba, que se movimenta em sentido anti-horário, [...] só é dançado à noite”.

Dança que era praticada pelos negros nos terreiros das fazendas e senzalas. Geralmente tocam-se dois tambores, sendo um mais grave, o *caxambu*, e um mais agudo, o *candongueiro*. As letras dos cantos relatam, entre outras coisas, o cotidiano desse povo. Conforme Houaiss: “solistas no centro e eventual presença da *umbigada* [...] cujo canto é do tipo estrofe e refrão”.

Dentre as modalidades de jongo, destacam-se o jongo rasteiro e o jogueiro *cumba*.

Há uma música de Almir Guineto intitulada “Caxambu”, em que há o registro da palavra *jongo*, segue o trecho:

⁷ IDEXA.

Olha vamos na dança do Caxambu
Saravá, jongo, saravá
Engoma, meu filho que eu quero ver
[...]
Na igreja bate o sino
é na dança do jongo que eu vou
Deu meia noite. (sic) o galo já cantou⁸

Lundu

Conforme Houaiss:

designação de várias canções populares inspiradas em ritmos africanos que foram introduzidas em Portugal e no Brasil a partir do século XVI e dança de par separado, de origem africana, em compasso binário com primeiro tempo sincopado; mulundu (trazida pelos escravos bantos, com meneios e requebros de forte apelo sensual, manteve esse caráter jocoso e tornou-se dança de salão muito em voga no Brasil do século XIII ao início do século XX).

Aurélio apresenta duas acepções:

1. Etnogr. Dança de par solto, de origem africana, que teve seu esplendor no Brasil em fins do séc. XVIII e começos do séc. XIX.
2. Mús. Dos meados do séc. XIX em diante, canção solista, influenciada pelo lirismo da modinha e frequentemente de caráter cômico.

O vocábulo encontra-se, também, registrado na obra de Nelson de Senna, *Africanos no Brasil*. Um exemplo de lundu como 'modinha de caráter cômico' é de Mário de Andrade no título do poema "Lundu do escritor difícil".

Maracatu

De acordo com Houaiss:

dança em que um bloco fantasiado, bailando ao som de tambores, chocalhos e gonguê, segue uma mulher, que leva na mão em cuja extremidade tem uma boneca ricamente enfeitada (a calunga) e executa evoluções coreográficas [...] e música popular inspirada nessa dança.

⁸ CAXAMBU.

Houaiss afirma também que é de origem africana, provavelmente, do banto.

O maracatu, assim como o frevo, é uma dança típica do Nordeste, principalmente de Pernambuco.

O ritmo frenético que acompanha o maracatu teve origem nas Congadas, cerimônias de escolha e coroação do rei e da rainha da "nação" negra. Ao primeiro acorde do maracatu, a rainha ergue a calunga para abençoar a 'nação'. Atrás vão os personagens, com chapéus imensos, evoluindo em círculos e seguindo a procissão recitando versos que evocam histórias regionais.⁹

Na música "Kizomba, a festa da raça", composta por Luiz Carlos da Vila, há ocorrência do vocábulo *maracatu*, segue o trecho:

Hoje a Vila é Kizomba
É batuque, canto e dança
Jongo e maracatu
Vem, menininha
Pra dançar o Caxambu¹⁰

Samba

O Dia Nacional do Samba é comemorado em 2 de dezembro.

Os primeiros registros da palavra apareceram no nordeste em um texto impresso no começo do século XIX por um padre chamado Lopes Gama [...]. A primeira música, oficialmente, foi em 1917 com a gravação de "Pelo telefone" da dupla Donga/Mauro de Almeida. Alguns analisam que essa música possui características fortes que lembram muito o ritmo maxixe e, que, portanto, não é samba. Há outras versões que dizem existir outras gravações de samba que datam entre 1912 e 1914.¹¹

De acordo com Aurélio:

Samba é do quimbundo semba, 'umbigada', do umbundo samba, 'estar animado, estar excitado' ou do iorubá e outras línguas bantas, samba, 'pular, saltar com alegria' [...] dança cantada, de origem africana, compasso binário e acompanhamento obrigatoriamente sincopado.

⁹ MARACATU.

¹⁰ KIZOMBA, a festa da raça.

¹¹ HISTÓRIA do samba.

O samba possui várias modalidades: *samba no pé*, *samba de gafieira*, *samba de enredo*, *samba de raiz*, *samba de roda*, *samba carioca*, *samba do morro*, *samba de salão*. Sendo as três últimas registradas na obra *Africanos no Brasil*.

Segue o trecho da música "Aquarela brasileira", de composição de Silas de Oliveira, em que há o registro do vocábulo *samba*:

E o Rio
O Rio de sambas e batucadas
De malandros e mulatas
De requebros febris
Brasil, essas nossas verdes matas
Cachoeiras e cascatas
De colorido sutil
E neste lindo céu azul de anil
Emolduram aquarela
Meu Brasil

Conclusão

Essa pesquisa partiu da lista de danças africanas apresentada pelo Prof. Nelson de Senna em seu livro *Africanos no Brasil*. Foram retiradas seis palavras de seu livro, sendo todas abonadas como africanismo pelos principais especialistas do português do Brasil.

Apenas o vocábulo *maracatu* não foi retirado da obra acima, e sim de outras fontes.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

ARTE de África. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_de_Africa>. Acesso em: 18 out. 2008.

BOI-BUMBÁ. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/waldemar-henrique/boi-bumba.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

BONVINI, Emílio. Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo à integração. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *De l'intégration des apports africains dans les parlers da Bahia au Brésil*. Tomo 1, parte II. Tese de Doutorado – Universidade Nacional do Zaire, Lubumbashi, 1976.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001.

CAXAMBU. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/letras.php?dns=almir-guineto&id_musica=44051>. Acesso em: 18 out. 2008.

CONGADA. Disponível em: <http://www.edukbr.com.br/artemanhas/folclore_dancas_congada.asp>. Acesso em: 18 out.

CONGADO. Disponível em: <http://www.edukbr.com.br/artemanhas/tipo_danca_africana_gnawa.asp>. Acesso em: 18 out. 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HISTÓRIA do samba. Disponível em: <<http://br.geocities.com/biografiaschiado/HistoriaCuriosidades/HistoriadoSamba>>. Acesso em: 18 out. 2008.

HISTÓRIA dos ritmos. Disponível em: <<http://www.geocities.com/espacobrasil/historia.htm>>. Acesso em: 18 out. 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IJEXA. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/claral-nunes/166105/>>. Acesso em: 18 out. 2008.

KIZOMBA, a festa da raça. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/luiz-carlos-da-vila/924869>>. Acesso em: 18 out. 2008.

MACHADO, José Pedro. *As origens do português*: ensaio. 2. ed. rev. Lisboa: [s.n.], 1967.

MARACATU. Disponível em: <http://www.edukbr.com.br/artemanhas/folclore_dancas_maracatu.asp>. Acesso em: 18 out. 2008.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1935.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

NO tabuleiro da baiana. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dorival-caymmi/924245/>>. Acesso em: 18 out. 2008.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*: estudo sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte: Of. Graph. Queiroz Breyner, 1938.

Culinária

Daniela Chaves Ribeiro

Lucas de Oliveira Marquesini

A presença do negro na cultura brasileira merece destaque nos estudos referentes à constituição da identidade linguística nacional. Não há como negar a contribuição do africano para a cultura brasileira em seus diversos aspectos, como a língua, religião, arte e, sobretudo, alimentação.

Neste trabalho, iremos nos deter a alguns vocábulos africanos presentes na culinária brasileira: *aberém*, *acaçá*, *acarajé*, *angu*, *caruru*, *cuscu*, *humulucu*, *mungunzá*, *quiabo*, *quibebe*, *vatapá*. Essas palavras encontram-se no vocabulário da obra de Jacques Raimundo, *O elemento afro-negro na língua portuguesa*.

Foram verificadas as ocorrências desses vocábulos nos seguintes dicionários da língua portuguesa: *Dicionário da língua portuguesa*, Novo Aurélio e *Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras*, de Raul Lody; e nos livros *Falares africanos na Bahia*, de Yeda Pessoa de Castro, *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles e *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raymundo.

Nos verbetes serão apresentadas, também, receitas culinárias referente a cada vocábulo.

Aberém

Nossa primeira receita é classificada como aperitivo e é presença garantida em cafés da manhã, lanches e festas. O milho é o ingrediente principal de nosso quitute: o aberém.

Segundo Jacques Raimundo, o *aberém* é um:

bolo de massa de milho, amolecido na água e ralado na pedra, aquecido ligeiramente ao fogo depois envolto em folhas de bananeira e atado com a fibra que se retira do tronco desse vegetal.

Não é só em receitas que a palavra *aberém* aparece. Os dois principais dicionários *Aurélio* e *Houaiss* também registraram nosso aperitivo de origem africana, mas, especificamente, segundo o *Aurélio*, de origem iorubá.

Dorival Caymmi cita esse delicioso quitute na música “Severo do pão”.

A seguir, a receita do nosso primeiro manjar dos deuses:



Põe-se o milho pilado, branco ou vermelho, de molho. Passa-se na pedra ou na máquina de moer. Se for milho branco, não leva tempero de espécie alguma. Se for vermelho, leva açúcar a bom paladar. Embrulha-se a massa em folhas secas de bananeira da prata, em pequenas porções, como no acaçá. Cozinha no vapor da panela, como abará. Come-se com caruru, vatapá, badofe, etc. A folha da bananeira deve ser preparada da seguinte forma: corta-se a parte grossa e arrumam-se os pedaços da folha num alguidar; joga-se água fervente em cima. Depois, passa-se em outra água e dependura-se no vento até ficar seca.¹

Raul Lody afirma que “essa comida pode ser servida junto com o amalá, também com mel de abelha e, quando preparada à base de açúcar, é consumida como qualquer doce”.²

¹ VIANA citada em RECEITAS nordestinas.

² LODY citado em RECEITAS nordestinas.

Açaçá

O *acaçá* é uma iguaria originária da África importante na culinária baiana e no ritual de candomblé, já que todos os orixás recebem o *acaçá* como oferenda. Espécie de bolo de arroz ou de milho moído em pedra, fermentado ou não, cozido em ponto de gelatina consistente e envolto, enquanto quente, em folhas verdes de bananeira. Para se obter a massa mais fina possível é usada uma peneira. É muito utilizado como complemento em outros pratos típicos como caruru, vatapá e o efó. De origem kwa, derivado de *akatsá* (farinha de milho ou de arroz cozida na água).

Raul Lody divide o *acaçá* em branco (quando feito com milho-branco) e vermelho (quando feito com milho-vermelho). Segundo o autor, o procedimento culinário do *acaçá* vermelho é o mesmo do *acaçá* branco, havendo diferença em alguns preceitos de colocar azeite de dendê sobre os *acaçás* vermelhos e mel de abelha nos *acaçás* brancos. Segundo Lody o *acaçá* branco é “também conhecido como ecó”. Variações: *acaçá de leite*, *acaçá de milho-branco*, *acaçá vermelho*.

A palavra *acaçá* também pode se referir a uma espécie de refrigerante de fubá, fermentado em água açucarada. O fubá é dissolvido ligeiramente em água e açúcar, como bebida refrigerante substancial, a que chamam *garapa de açaçá*, muito consumido no nordeste brasileiro.

Essa palavra ocorre nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Michaelis*, mas não ocorre em Borba. No *Dicionário Aurélio* também aparece como ‘coisa que atrai; atrativo’ e ‘perfume forte’. Houaiss apresenta uma derivação no sentido figurado como “algo atraente”. O verbete é encontrado também no livro *Falares africanos na Bahia*, de Yeda Pessoa de Castro, no *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles, no *Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras*, de Raul Lody. Não foi encontrado esse verbete no livro de Jacques Raymundo.

Vejamos como se prepara:

Feito com milho branco ou milho vermelho, que após ficar de molho em água de um dia para o outro, deve ser moído em um moinho, formando uma massa que deverá ser cozida em uma panela com água, sem parar de mexer, até ficar no ponto. O ponto de cozimento pode ser visto quando a massa não dissolve quando pingada em um copo com água.

Ainda quente essa massa deve ser embrulhada em pequenas porções, em folha de bananeira previamente limpa, passada no fogo e cortada em tamanho igual para que todos fiquem do mesmo tamanho.

Coloca-se a folha na palma da mão esquerda e coloca-se a massa, com o dedo polegar dobra-se a primeira ponta da folha sobre a massa, dobra-se a outra ponta cruzando por cima e virando para baixo; faz-se o mesmo do outro lado. O formato que vai ficar é de uma pirâmide retangular.³

Acarajé

Iguaria preparada com feijão-fradinho que fica de molho por algum tempo até soltar a casca, depois é moído juntamente com camarões cozidos e bastante cebola. Com a massa se faz vários bolinhos que são fritos em azeite de dendê numa panela ou tacho. É servido com molho de pimenta--malagueta, camarões secos, vatapá, tomate, pimentão etc. Tem origem no iorubá *akàrà + ijé*.

O acarajé é comida de pai de santo nos cultos afro-brasileiros; tais cultos se estendem a todo o Nordeste, região onde foi marcante a presença econômica do escravo africano. É vendido nas capitais da região em tabuleiros, nas praças, ruas e mercados.

Segundo Raul Lody, o acarajé, para uso profano, pode ser comido com o molho nagô, e para as práticas sagradas, apenas o frito é o bastante. O tamanho e o formato do acarajé têm simbolismos próprios e são endereçados a divindades específicas. O acarajé grande e redondo é de Xangô; os menores servem para as iabás como Iansã; Ôbá e os Erês têm em seus cardápios votivos os pequeninos acarajés de formato bem redondo.

Em outubro de 2003, o acarajé foi tombado como patrimônio nacional pelo conselho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Apreciado pela maioria dos baianos e muitos turistas, o acarajé é vendido em vários pontos das cidades e cerca de 5 mil baianas comercializam o produto em Salvador, com seus tabuleiros em frente a pontos comerciais, praias etc.

³ CÁTIA Maria. Comidas de santo.

A palavra *acarajé* ocorre nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, Borba e *Michaelis*. Verificamos a presença também nos livros de Yeda Pessoa de Castro, Jacques Raymundo, Vicente Salles e Raul Lody.

Vejamos como se prepara essa maravilha tombada como patrimônio cultural do Brasil:

Ingredientes

300 g de feijão fradinho;
1 cebola;
250 g de camarões ferventados e descascados;
3 xícaras de azeite de dendê;
Sal.

Modo de preparo

Põe-se o feijão de molho na véspera. No dia seguinte, tira-se a pele e bate-se no processador ou na máquina para moer o mais fino possível, juntamente com a cebola e os camarões cozidos. Depois de bem moídos, passa-se no liquidificador ou bate-se com uma colher de pau até formar uma massa lisa e firme com incorporação de ar. Coloca-se em uma frigideira o azeite de dendê. Quando ele estiver fervendo, tira-se uma colher de sopa da massa e põe-se para fritar. Retira-se com uma espumadeira e coloca-se sobre papel absorvente. Serve-se quente, com molho de pimenta e/ou molho de tomates verdes e/ou molho de camarões pequeninos, ao gosto da pessoa.⁴

Angu

É uma papa, feita de milho cozido em água, que tem origem africana, mas é um prato que não falta na mesa do brasileiro. O mineiro prepara-o preferencialmente sem sal, ao contrário, por exemplo, do paulista, que o prepara mais comumente com sal. Em muitas regiões o angu é conhecido como polenta. Raul Lody afirma que angu é prato dos mais populares, ocupando lugar comum nas mesas profanas e nos cardápios votivos de divindades cultuadas nos terreiros afro-brasileiros.

No fim do século XIX e início do século XX, o sal era taxado exorbitantemente, com isso, a iguaria de fubá de milho, que era servida bem

⁴ ACARAJÉ.

temperada, passou a ser feita sem o sal, somente com banha de porco, fubá de milho e água. Tendo o gosto do prato ficado um pouco desagradável, inosso, muitos o comparavam com o alimento que era oferecido aos porcos, chamado de *angu*. A partir daí a receita ficou com esse nome.

Segundo Raul Lody, esse prato recebe nomes e adquire variantes quanto ao preparo. Angu de farinha é o comum cozimento de farinha, sal e água e atua como alimento base ou complementar de carnes e peixes. Angu de fubá, condicionado ao fubá de milho, geralmente, é servido com molho de carne picada com temperos variados e pimenta. Angu de canjica é feito de farinha de milho-branco ou do próprio milho de mungunzá que, em processo de cozimento, adquire a condição de papa ou angu. Outro é o angu do quitandeiro, e era servido pelas negras de ganho em suas bancas de quitutes, hoje restringindo-se a alguns pequenos pratos como o vatapá, subsidiário do acarajé e do abará.

Jacques Raymundo afirma ser do iorubá, *iyán-gún*, “o inhame pilado e misturado em pasta.”

Verificamos a presença da palavra *angu* nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Borba* e *Michaelis*. No *Aurélio* aparece também como “massa de banana cozida com que, depois de fria, se fazem bolas que acompanham a maior parte das iguarias em que há molho”. A expressão *angu de caroço* é comumente utilizada para expressar confusão, complicação. O verbete aparece também nos livros de Yeda Pessoa de Castro, Jacques Raymundo, Raul Lody e Vicente Salles.

Vejamos uma receita:

Ingredientes

2 litros de água fervendo;

½ kg de fubá mimoso.

Modo de preparo

Desmanchar o fubá num pouco de água fria, mexendo com colher de pau. Juntar a água fervendo e, mexendo sem parar, elevar o fogo. Quando a massa começar a grudar no fundo da panela, reduzir ao mínimo o fogo e continuar a mexer até despregar.

Se a pasta estiver muito consistente, adicionar um pouco mais de água fervendo. Molhar uma forma e virar dentro o angu. Deixar esfriar um pouco e revirá-lo numa travessa, para servir.⁵

Caruru

É um prato afro-brasileiro feito com quiabos a que se acrescentam camarões, peixe, amendoim e temperos como cebola, alho, pimenta etc. O caruru também é comida do ritual de candomblé e foi trazido para o Brasil pelos escravos africanos. Pode-se comer acompanhado de acarajé ou abará. Os estudos sobre a etimologia da palavra estão divididos. Renato Mendonça nega a origem africana, dizendo que vem do tupi *caa-riru*. Outros dizem que vem do iorubá *ka-* 'enrolado' + *-wuruwuru* 'massa confusa'.

Caruru também é a designação de certas plantas da família das amarantáceas – algumas folhas comestíveis –, bastante utilizadas em culinária. Na Bahia é também conhecida como *brede*. Variações: *caruru de mancha*, *caruru roxo*, *caruru de porco*, *brede de chifre* etc.

Segundo Raul Lody é conhecido como *omalá de ibeji* e *carirui*, e ainda afirma que "festas populares afro-brasileiras são conhecidas como *Caruru de Cosme*, *Caruru das Crianças*, *Caruru dos Erês*, *Caruru de Santa Bárbara*, ou simplesmente o *caruru* nomina qualquer festa na qual é o prato principal".

A palavra *caruru* aparece nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Borba* e *Michaelis*, neste último somente com a definição de planta da família das amarantáceas. A palavra ocorre também nos livros de Yeda Pessoa de Castro, Jacques Raymundo, Raul Lody e Vicente Salles.

Vejamos uma receita:

Ingredientes:

- 1 kg de camarão seco
- 1 kg de camarão fresco grande
- 5 dentes de alho socados com pouco sal
- 1 kg de farinha seca peneirada
- 3 maços de cheiro verde
- 1 vidro médio de dendê
- 3 pimentas de cheiro
- 3 cebolas grandes

⁵ BUSSOLANET.

1 kg de quiabo

Limão, extrato de tomate, azeite doce ou óleo para salada

Modo de preparo:

Soque os camarões secos, descascados, com a farinha seca, 2 maços de cheiro, 2 cebolas, 2 pimentas. Reserve, esta é a paçoca de camarão.

Corte as cabeças e pontas dos quiabos, coloque de molho na água de limão por uns quinze minutos. Ponha para escaldar em outra água, depois de escaldados reserve. Tempere os camarões frescos com o restante dos temperos, azeite doce e extrato de tomate. Bote para refogar.

Quando estiver bem refogado, coloque os quiabos com um pouco da água em que foram cozidos e reserve o resto da água. Por fim, coloque a paçoca de camarão dentro do restante da água com mais um pouco de água fria e junte ao fogo para cozinhar, mexendo sempre, logo que levante a fervura coloque o dendê e prove o sal. Sirva quente.⁶

Cuscuz

É um prato originado no Norte da África e popularizado na culinária brasileira. É feito de farinha de milho ou polvilho, salgado e levemente umedecido no leite, ovo e manteiga. A massa é posta para descansar para incorporar o tempero e depois é cozida no vapor. Em alguns estados do Nordeste pode ser incrementado com outros ingredientes como carne de sol. Pode ser servido com legumes, carne ou peixe.

O cuscuz também pode ser feito com uma massa doce contendo farinha de arroz, de milho ou mandioca acrescida de leite de coco e açúcar, cozida no vapor. No Rio de Janeiro, ao invés de cozinhar a vapor costuma-se assá-la na grelha.

Segundo Raul Lody, o *cuscuz* é um prato tradicional dos mouros, Norte da África. Inicialmente feito de arroz, trigo, milheto, sorgo, sendo também preparado com farinha a partir do século XVI.

Em alguns lugares, como por exemplo, Pernambuco, a palavra *cuscuz* pode significar 'morro ermo e isolado'.

A palavra *cuscuz* aparece nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Borba e Michaelis*, neste último somente com a definição de 'planta da família

⁶ CULINÁRIA.

das amarantáceas'. Verificamos a ocorrência da palavra também no livro de Jacques Raymundo e Raul Lody. Mas não foi localizada a presença da palavra em *Falares africanos na Bahia*, de Yeda Pessoa de Castro, nem em *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles.

Vejamos uma receita:

Ingredientes:

5 colheres (sopa) de margarina;
cebola grande ralada;
10 tomates maduros, sem pele, sem sementes e picados;
1 pimentão verde, sem pele e cortado em pedaços;
sal e pimenta-do-reino a gosto;
3 folhas de couve rasgadas;
1 maço pequeno de cheiro verde picado;
1 xícara (chá) de ervilhas;
1 embalagem de frango defumado, sem pele e cortado em partes,
4 xícaras (chá) de farinha de mandioca torrada.
Para decorar: rodela de tomate; pedaços de frango defumado;
ovos cozidos em rodela.

Modo de preparo:

Refogue na margarina a cebola, os tomates e o pimentão. Acrescente meio litro de água, tempere com o sal e a pimenta e cozinhe por 10 min. Junte a couve, o cheiro verde, as ervilhas e o frango defumado (reservando alguns pedaços). Despeje aos poucos as farinhas (*sic*), mexendo com uma colher de pau em fogo baixo, por aproximadamente 5 minutos, até formar um angu. Forre o fundo e laterais de uma tigela refrataria (*sic*) grande com as rodela de tomate, os pedaços de frango defumados (*sic*), os ovos e o pimentão. Despeje aos poucos porções de cuscuz, pressionando com o dorso de uma colher. Cubra o prato em que for servir com folhas de couve escaldadas. Vire o cuscuz sobre as folhas.⁷

Humulucu

O feijão-fradinho é um dos principais ingredientes desse prato. De acordo com Jacques Raimundo é uma iguaria que se faz de feijão-fradinho, temperado com azeite de dendê e com cebola, sal e camarão,

⁷ RECEITA: Cuscuz.

moídos conjuntamente na pedra. Apesar de não constar nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss* e de também não ser uma palavra muito corrente em nossa língua, o humulucu é uma ótima opção e variação do nosso principal alimento: o feijão.

Ingredientes

½ kg de feijão fradinho cozido em água, escorrido e frio
1 colher (sopa) de margarina
½ xícara (chá) de amido de milho
2 colheres (chá) de coentro moído
½ colher (chá) de pimenta-do-reino
2 colheres (sopa) de salsa desidratada
Sal a gosto
1 clara
1 ovo

Modo de preparo

Num processador bata aos poucos o feijão fradinho cozido em água, escorrido e frio. Transfira para uma tigela e misture com margarina e amido de milho. Com as mãos vá incorporando nesta mistura coentro moído, pimenta-do-reino, salsa desidratada, sal a gosto. Por último junte 1 clara e 1 ovo. Amasse bem até ficar macia. Pegue pequenas porções da massa. Forre o fundo e lateral de forminhas para empadinhas (já untadas). Recheie a seu gosto e feche bem as bordas com a massa de feijão fradinho.

Numa panela com óleo quente frite a massa (com as forminhas junto).

Quando estiver dourada, retire e coloque sobre papel toalha.

Rendimento: 30 forminhas

Recheio de carne seca

Ingredientes

4 colheres (sopa) de margarina
1 dente de alho picado
2 cebolas picadas
½ xícara (chá) de farinha de trigo
500 ml de água
1 kg de carne seca dessalgada, cozida e desfiada
Pimenta-do-reino branca moída a gosto
2 colheres (sopa) de cheiro verde picado
Sal a gosto

Modo de preparo

Numa panela em fogo médio com margarina refogue alho picado e cebolas picadas até dourar. Acrescente farinha de trigo e mexa constantemente formando um *roux*.

Adicione água e continue mexendo. Quando começar a soltar da panela junte carne seca dessalgada, cozida e desfiada. Tempere com pimenta-do-reino branca moída a gosto e cheiro verde picado. Acerte o sal e deixe esfriar. Recheie as forminhas.⁸

Mungunzá

Essa deliciosa iguaria tem como principal ingrediente o milho-branco. A palavra *mungunzá*, segundo o *Aurélio*, é uma contribuição do quimbundo *mu'kunzá*. Segundo Jacques Raimundo essa comida recebe vários outros nomes dependendo da região do Brasil onde é feita. Em São Paulo e Mato Grosso, por exemplo, recebe o nome de *curau*.

Tivemos a ocorrência de vinte resultados dessa palavra no jornal *Folha de São Paulo* e *Folha Online*, todas elas referentes a alimentação.

Mungunzá, *mugunzá*, não importa o nome dado a essa deliciosa receita. Vamos conhecer agora o modo de preparo desse manjar dos deuses.



Ingredientes

- 4 colheres (sopa) de azeite
- 1 gomo de linguiça calabresa cortada em fatias finas
- ½ kg de carne seca dessalgada, cozida e cortada em cubos
- 500 g de costelinha de porco dessalgada e cozida
- 1 cebola picada
- 3 dentes de alho picados
- 2 folhas de louro
- Orégano desidratado a gosto

⁸ MASSA de feijão fradinho.

Coentro em grãos
Cominho em grãos moídos a gosto
250 g de feijão carioquinha cozido em 1 litro de água
500 g de milho de canjica amarela cozida em 1 ½ litro de água
Sal a gosto
Cheiro verde e coentro picado a gosto

Modo de preparo:

Numa panela grande em fogo médio aqueça azeite e doure linguiça calabresa cortada em fatias finas, carne seca e costelinha de porco. Junte cebola, alho e folhas de louro. Acrescente orégano, coentro e cominho. Doure novamente. Coloque no refogado feijão carioquinha e milho de canjica amarela. Cozinhe por mais ou menos 10 minutos para agregar sabores. Corrija o sal e salpique cheiro verde e coentro picado a gosto. Sirva imediatamente.⁹

Quiabo

O quiabo é fruto do quiabeiro, que é uma planta anual, arbustiva e de folhas grandes. Seu nome científico é *Hibiscus esculentus* e tem origem na África. Os frutos do quiabeiro são longos, de coloração verde e formato meio cilíndrico com uma ponta um pouco curvada. Geralmente sabe-se se o quiabo está bom para consumo quebrando-se a ponta; se quebra com facilidade significa que está bom para consumo.

A planta não tolera a geada e a baixa temperatura, pois se desenvolve melhor em temperaturas elevadas, clima quente e ameno, em solos ricos em matéria orgânica. Sua propagação é feita por sementes. Ela é hermafrodita (têm os dois sexos na mesma flor). No Brasil, o cultivo é generalizado em todas as regiões, inclusive em hortas caseiras. No Estado de São Paulo, as regiões de Araçatuba e de Campinas são as maiores produtoras de quiabo. Segundo Yeda Pessoa de Castro a palavra *quiabo* tem origem banto.

O quiabo é consumido principalmente cozido, geralmente é acompanhado de frango ou angu. É rico em fibras e proteínas. Ao cortá-lo e cozinhar percebemos a presença de uma substância viscosa que pode ser eliminada fritando-se bem antes do cozimento. Algumas variantes: *guin-gombô*, *gômbô*, *guambo*.

⁹ MUGUNZÁ.

A palavra *quiabo* aparece nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, Borba e *Michaelis*. Verificamos a presença do verbete também nos livros de Yeda Pessoa de Castro, Jacques Raymundo e Vicente Salles.

Vejamos como preparar:

Ingredientes:

300 g de quiabo
2 colheres (sopa) de óleo
1 cebola pequena picada
1 colher (chá) de vinagre
Sal

Modo de preparo:

Lave bem os quiabos e seque-os com um pano. Corte e elimine as extremidades. Aqueça bem uma frigideira antiaderente e acrescente os quiabos. Refogue por 5 minutos sem mexer, isto é, ao invés de utilizar uma colher, balance a frigideira. Regue com o vinagre e deixe evaporar. Isso eliminará a gosma do quiabo. Retire da frigideira e reserve. Coloque o óleo na frigideira e adicione a cebola. Refogue para que fique bem macia. Acrescente os quiabos e duas colheres (sopa) de água. Cozinhe até os quiabos ficarem macios. Coloque sal e, se gostar, um pouco de pimenta-do-reino. Sirva como acompanhamento para carnes ensopadas.¹⁰

Quibebe

Não só de milho vive nossa culinária afro-brasileira e podemos comprovar com a definição dada para o nome de nossa próxima receita: “pirão mole e aguado, ou purê de abóbora, em alguns lugares com folhas de vinagreira ou entre ervas, ajuntado-se pimenta”. Foi essa a definição dada por Jacques Raimundo ao vocábulo *quibebe*.

Os nossos principais dicionários registram a ocorrência dessa palavra. Mas não apenas o *Aurélio* e o *Houaiss* registram esse termo, o jornal *Folha de São Paulo* publicou 26 artigos que falam dessa iguaria, comprovando que ela está bem presente no uso corrente da língua portuguesa.

Ficou curioso para saber como se prepara o quibebe? Então leia com atenção todos os passos da receita e boa refeição.

¹⁰ QUIABO.

Ingredientes

Paçoca

1 kg de carne seca
3 colheres (sopa) de óleo
6 dentes de alho amassados
2 cebolas picadas
400 g de farinha de mandioca crua
Água do cozimento o suficiente para deixar a paçoca úmida

Quibebe

1 abóbora cabotian média (1 kg a 1,2 kg)
3 colheres (sopa) de óleo
4 dentes de alho amassados
1 cebola bem picada
Água, se necessário
Pimenta do reino a gosto
Sal a gosto
1 colher (café) de açúcar

Modo de preparo:

Paçoca: demolhe a carne seca por 24 horas, trocando a água duas vezes. Afervente por 3 vezes e reserve somente o último caldo. Separe a carne das gorduras e corte as duas em pedaços pequenos. Numa panela, esquente o óleo e frite a gordura até obter um aspecto de torresmo. Junte o alho e doure bem. Acrescente a carne, a cebola e refogue. Retire do fogo, coloque no pilão 1 pires (chá) da carne refogada e 1 pires (café) de farinha de mandioca. Com o pilão soque bem as carnes até obter uma mistura de farofa úmida bem dissolvida. Use o caldo da carne se a mistura ficar seca. No caso de não ter pilão pode ser feito no processador ou no liquidificador. Quibebe: cozinhe a abóbora e reserve. Refogue no óleo, o alho e a cebola. Coloque a abóbora já cozida e refogue mais um pouco. Se necessário, adicione um pouco de água. Coloque a pimenta do reino, o sal e o açúcar. Vá mexendo com uma colher de pau até que fique com uma consistência bem cremosa.¹¹

Vatapá

De origem africana, é um prato típico da cozinha baiana, espécie de purê ou papa de farinha de mandioca, farinha de trigo, pão dormido, entre

¹¹ PAÇOCA de carne seca e quibebe.

outros. A papa é cozida com leite de coco, gengibre, azeite de dendê, sal, camarão, amendoim, pimenta, dentre outros ingredientes. Geralmente cozinha-se com peixe ou galinha. Segundo o *Dicionário Houaiss*, origina-se do iorubá *vata' pa'*. Segundo Raul Lody, o vatapá encontra-se no cardápio do caruru de Cosme e em oferecimento ao orixá Iansã, entre outros. Também chamado *ebatapá*.

Vicente Salles, tomando por base os estudos de Jacques Raymundo, afirma que o vatapá é originariamente tupi, mas adotado pelos iorubanos foram estes que o introduziram na Bahia. A palavra deriva do iorubá, *ehba-tápa*, pirão ou engrossado à maneira dos tapas; *ehba* é propriamente a pasta feita de farinha e água fervente, derramada aos poucos, à proporção que se vai resolvendo aquela.

A palavra ocorre nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e *Michaelis*, mas não aparece em Borba. O vocábulo pode ser encontrado também nos livros de Yeda Pessoa de Castro, Vicente Salles e Raul Lody, mas não aparece em Jacques Raymundo.

Vejamos a receita:

Ingredientes:

70 g de camarão seco defumado
250 g de postas de peixe branco
½ cebola cortada em rodela
1 tomate sem pele cortado em cubos
2 colheres (chá) de coentro em pó
½ xícara (chá) de pimentão verde
1 colher (chá) de pimenta calabresa em flocos
20 ml de suco de limão
3 colheres (sopa) de azeite de dendê
½ xícara (chá) de castanha de caju torrada
½ xícara (chá) de amendoim descascado
1 colher (chá) de gengibre ralado
2 unidades de pão de forma sem casca
½ xícara (chá) de leite de coco
½ xícara (chá) de água
Sal e pimenta do reino preta a gosto

Modo de preparo:

Deixe o camarão de molho até dessalgar. Torre o amendoim e retire a pele. Tempere as postas de peixe com sal e pimenta do reino e reserve. Em outra panela, refogue a cebola, o tomate, o coentro

em pó e o pimentão na metade do azeite de dendê. Acrescente as postas por cima do refogado e deixe cozinhar por mais 5 minutos. Em seguida, salpique com pimenta calabresa. Regue com suco de limão e a outra metade do azeite de dendê. Tampe a panela, leve ao fogo médio e cozinhe até que fique macio. Retire do fogo e separe as postas do molho. Corte as postas em pedaços pequenos e reserve. Misture ao molho o camarão seco, a castanha de caju, o amendoim e o gengibre. Coloque no processador sem moer muito.¹²

Referências

- ACARAJÉ. Disponível em: <<http://www.asreceitas.hpg.ig.com.br/receitas/acaraje>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- BOAL, Augusto. *Murro em ponta de faca*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- BORBA, Francisco S. *Dicionários de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BUSSOLANET. Disponível em: <<http://www.bussolanet.com.br/Culinaria>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.
- CÁTIA Maria. Comidas de santo. 6 jan. 2008. Disponível em: <<http://catiamcatita.blogspot.com/2008/01/comidas-de-santos.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.
- LODY, Raul. *Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- MASSA de feijão fradinho. Disponível em: <<http://receitas.mai voce.globo.com/receitas/massas/rec1753-massa+de+feijao+fradinho.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- MENDES, Sulema. *Chagas, o cabra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MUGUNZÁ. Disponível em: <<http://receitas.maisvoce.globo.com/receitas/sopas/rec1751-mugunza.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- PAÇOCA de carne seca e quibebe. Disponível em: <<http://receitas.maisvoce.globo.com/receitas/acompanhamentos/rec199877+pacoca+de+carne+seca+e+quibebe.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.
- QUIABO. Disponível em: <www.culinaria.terra.com.br/receita>. Acesso em: 2 nov. 2006.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

¹² GLOBO Rural Culinária.

RECEITA: Cuscuz. Disponível em: <http://www.felipex.com.br/receitas_c.htm>. Acesso em: 2 nov. 2006.

RECEITAS Nordestinas. Disponível em: <http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/cur_rec.htm>. Acesso em: 18 out. 2008.

SALLES, Vicente. *Vocabulário crioulo*: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP, Programa Raízes, 2003.

TREVISAN, Rosana (Coord.). *Michaelis*: moderno dicionário da língua portuguesa. Versão 1.0. São Paulo: Melhoramentos, DTS Software Brasil, 1998. 1 CD-ROM.

Divindades

Gustavo Dornas

Exu



Exu é um orixá africano, também conhecido como: *Esu, Eshu, Bara, Elegbá, Elegbara*.

Exu é o orixá da comunicação. Fiscalizador do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano, conforme tarefa atribuída a ele por Olodumare ou Olorum. Ele que deve receber as oferendas em primeiro lugar a fim de assegurar que tudo corra bem e de garantir que sua função de mensageiro entre o Orun e o Aiye, mundo material e espiritual, seja plenamente realizada.

Por ser provocador, indecente, astucioso e sensual é comumente confundido com a figura de Satanás, o que é um absurdo dentro da construção teológica iorubá, posto que não está em oposição a Deus, muito menos é considerado uma personificação do mal.

Suas cores são o vermelho e o preto; seu símbolo é o ogó (bastão com cabaças que representa o falo); suas contas são o preto e o vermelho; sacrifica-se bode, cabrito, galo, galinha d'angola e pato; oferece-se farofa com dendê, acaçá, akará, obi, feijão, inhame, água, aguardente. Sua saudação é "Laroiê Exu!", que significa o bem falante e comunicador.¹

Sua definição consta tanto no *Dicionário Aurélio* quanto no *Houaiss*. No *Aurélio* é definido também como 'a sincretização do demônio dos católicos'. Outra definição também do *Aurélio* é a expressão *virar exu*, que significa 'receber o santo' ou 'entrar em transe'.

No *site* Vagalume, de letras musicais, foram encontradas 43 músicas com a palavra *exu* em sua letra. Na composição de João Bosco e Aldir Blanc, intitulada "Boca de sapo", é feita referência ao orixá Exu, segue a estrofe:

Costurou na boca do sapo
um resto de angu
a sobra do prato que o pato deixou.
Depois deu de rir feito Exu Caveira:
marido infiel vai levar rasteira.²

Ogum



Ogum ou *Ogun* é um orixá africano, foi o filho mais velho de Odudua, o fundador de Ifé.

¹ Estas informações foram extraídas do artigo "Exu", publicado no *site* Umbanda Racional, e editadas livremente pelo autor.

² BOCA de sapo.

Era um temível guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos e, entre suas gloriosas vitórias, conquistou cidades como Ará, onde entronou o seu filho, e Irê, usando aí, ele mesmo, o título de Onirê ('senhor da cidade de Irê').

Como orixá, é a divindade do ferro e protetor de todos que trabalham com esse metal: ferreiros, agricultores, escultores, mecânicos, militares etc.

Ogum (do iorubá *Ogún*) é o guerreiro, general destemido e estratégico, é aquele que veio para ser o vencedor das grandes batalhas, o desbravador que busca a evolução. Defensor dos desamparados, Ogum andava pelo mundo comprando a causa dos indefesos, sempre muito justo e benevolente. Ele era o ferreiro dos orixás, senhor das armas e dono das estradas.

Filho de Iemanjá com Oxalá, é irmão gêmeo de Elegbará, por isso tem algumas características iguais, como a irreverência, pois é um orixá valente, traz na espada tudo o que busca.³

Sua definição consta tanto no *Dicionário Aurélio* quanto no *Houaiss*. No *site Vagalume*, de letras musicais, foram encontradas 79 músicas com a palavra *ogum* em suas letras. Segue a estrofe da música "Meu pai é general de umbanda", interpretada pelo sambista Bezerra da Silva:

Meu pai é general de umbanda e assim é seu grito de guerra
Se Ogum perder demanda nunca mais desce na terra,
E em seguida ainda disse que filho de umbanda não cai.
O que eu quero mais, o que eu quero mais⁴

³ Estas informações foram extraídas do artigo "Ogum", publicado no *site Umbanda Racional*, e editadas livremente pelo autor.

⁴ MEU pai é general de umbanda.

Omolu



Omolu é um orixá africano cultuado no candomblé e na umbanda, religiões afro-brasileiras que o tem como o “Senhor da Morte”, uma vez que é o responsável pela passagem dos espíritos do plano material para o espiritual.

Por sua relação com a morte, é reverenciado no cemitério ou campo santo e extremamente temido.

Muitas vezes confundido com o orixá Obaluayê, tanto que, no Brasil, muitas casas de santo cultuam Obaluayê e Omolu como um só orixá; Omolu é, no entanto, um orixá que se aproxima de Obaluayê, mas possui uma identidade própria.

Para alguns umbandistas, Omolu é considerado a esquerda de Obaluayê, daí a proximidade entre os dois. Porém, ele também se aproxima de Obaluayê por ser invocado, assim como esse último, para a cura de doenças, especialmente as contagiosas e aquelas que podem levar o doente à morte. Nesse sentido, recebe o título de “Senhor da Varíola”, doença contagiosa que dizimou milhões de pessoas até a descoberta de uma vacina e posterior erradicação.

Mas assim como Omolu pode trazer a doença, ele também a cura. Os devotos lhe atribuem curas milagrosas, realizando oferendas de pipocas, o deburu ou doburu, em sua homenagem ou jogando-as sobre o doente como descarrego.

Em algumas casas de santo, as pipocas são estouradas em panelas com areia da praia aquecida, lembrando a relação desse orixá, chamado respeitosamente de Tatá Omolu, com Iemanjá. Afinal, conta uma lenda que Omolu, muito doente, foi curado à beira-mar pela água salina, tendo

Iemanjá o tomado como filho adotivo. Por isso, também são realizadas oferendas a Omolu nas areias das praias do litoral brasileiro.

Vestido com palha da costa e com contas nas cores vermelha, preta e branca, Omolu dança o opanijé, dança ritual marcada pelo ritmo lento com pausas, enquanto segura em suas mãos o xaxará, instrumento ritual também feito de palha da costa e recoberto de búzios. Em alguns momentos da dança, Omolu espanta os eguns, os espíritos dos mortos, com movimentos rituais.

Sincretizado como São Lázaro e São Bento de Núrsia, na Igreja Católica.⁵

Sua definição consta tanto no *Dicionário Aurélio* quanto no *Houaiss*.

No *site* Vagalume, de letras musicais, foram encontradas 11 músicas com a citação *Omulu* em sua letra.

Segue um trecho da música “Meu pai Oxalá”, de Toquinho e Vinicius de Moraes:

Meu pai Oxalá
É o rei
Venha me valer
Meu pai Oxalá
É o rei
Venha me valer
O velho Omulu
Atotô, abaluaiê
O velho Omulu
Atotô, abaluaiê⁶

⁵ Estas informações foram extraídas do artigo “Omulo/Obaluaê”, publicado no *site* Umbanda Racional, e editadas livremente pelo autor.

⁶ MEU pai Oxalá.

Oxalá



Orixá masculino, de origem iorubá (nagô) bastante cultuado no Brasil, onde costuma ser considerado a divindade mais importante do panteão africano. Na África é cultuado com o nome de *Obatalá*. Quando, porém, os negros vieram para cá, como mão de obra escrava na agricultura, trouxeram, além do nome do orixá, uma outra forma de se referirem a ele, *Orixalá*, que significa 'orixá dos orixás'. Numa versão contraída, o nome que se popularizou, foi *Oxalá*.

Esta relação de importância advém de a organização das divindades africanas ser uma maneira simbólica de se codificar as regras do comportamento. Nos preceitos, estão todas as matrizes básicas da organização familiar e tribal, das atitudes possíveis, dos diversos caminhos para uma mesma questão. Para um mesmo problema, orixás diferentes propõem respostas diferentes – e raramente há um acordo social no sentido de estabelecer uma das saídas como correta e a outra não. A jurisprudência africana nesse sentido prefere conviver com os opostos, estabelecendo, no máximo, que, perante um impasse, Ogum faz isso, Iansã faz aquilo, por exemplo.

Assim, Oxalá não tem mais poderes que os outros nem é hierarquicamente superior, mas merece o respeito de todos por representar o patriarca, o chefe da família. Cada membro da família tem suas funções e o direito de se inter-relacionar de igual para igual com todos os outros membros, o que as lendas dos orixás confirmam através da independência que cada um mantém em relação aos outros. Oxalá, porém, é o que traz

consigo a memória de outros tempos, as soluções já encontradas no passado para casos semelhantes, merecendo, portanto, o respeito de todos numa sociedade que cultuava ativamente seus ancestrais. Ele representa o conhecimento empírico, neste caso colocado acima do conhecimento especializado que cada orixá pode apresentar.

Se, por este lado, Oxalá merece mais destaque, considerá-lo superior aos outros (o que não está implícito como poder, mas sim merecimento de respeito ao título de Orixalá) veio da colonização europeia. Os jesuítas tentavam introduzir os negros nos cultos católicos, passo considerado decisivo para os mentores e ideólogos que tentavam adaptá-los à sociedade na qual eram obrigados a viver, baseada em códigos a eles completamente estranhos. A repressão pura e simples era muito eficiente nestes casos, mas não bastava. Eram constantes as revoltas. Em alguns casos, perceberam que o sincretismo era a melhor saída, e tentaram convencer os negros que seus orixás também tinham espaço na cultura branca, que as entidades eram praticamente as mesmas, apenas com outros nomes. Alguns escravos neles acreditaram. Outros se aproveitaram da quase obrigatoriedade da prática dos cultos católicos para, ao realizá-los, efetivarem verdadeiros cultos de umbanda, apenas mascarados pela religião oficial do colonizador.

Esclarecida esta questão, não negamos as funções únicas e importantíssimas de Oxalá perante a mitologia iorubá. É o princípio gerador em potencial, o responsável pela existência de todos os seres do céu e da terra. É o que permite a concepção no sentido masculino do vocábulo. Sua cor é o branco, porque ela é a soma de todas as cores.

Por causa de Oxalá a cor branca está associada ao candomblé e aos cultos afro-brasileiros em geral, e não importa qual o santo cultuado num terreiro, nem o orixá de cabeça de cada filho de santo, é comum que se vistam de branco, prestando homenagem ao Pai de todos os orixás e dos seres humanos.

Sincretizado como Jesus Cristo na Igreja Católica.⁷

⁷ Estas informações foram extraídas do artigo "Oxalá", publicado no *site* Umbanda Racional, e editadas livremente pelo autor.

Sua definição consta tanto no *Dicionário Aurélio* quanto no *Houaiss*. Em ambos é definida também como uma interjeição ('queira Deus', 'tomara').

No site Vagalume, de letras musicais, foram encontradas 105 músicas com a palavra *oxalá* em sua letra. O vocábulo *oxalá* é encontrado na letra da música "Tatamirô", de Toquinho e Vinícius de Moraes, segue o trecho:

Apanha folha por folha, Tatamirô.
Apanha maracanã, Tatamirô
Eu sou filha de Oxalá, Tatamirô.
Menininha me apanhou, Tatamirô!⁸

Oxóssi



Oxóssi, do iorubá *Òsòòsì*, é um orixá africano, deus da caça e da fartura. Segundo Pierre Fatumbi Verger, em seu livro *Orixás*, o culto de Oxóssi foi praticamente extinto na região de Ketu, uma vez que a maioria de seus sacerdotes foi escravizada e enviada à força para o Novo Mundo, ou morta.

Aqueles que permaneceram em Ketu deixaram de cultuá-lo, por não se lembrarem mais como realizar os ritos apropriados ou por passarem a cultuar outras divindades.

Durante a diáspora, muitos escravos que cultuavam Oxóssi não sobreviveram aos rigores do tráfico negreiro e do cativeiro, mas, ainda assim, o culto foi preservado no Brasil e em Cuba pelos sacerdotes

⁸ TATAMIRÔ.

sobreviventes e Oxóssi se transformou, no Brasil, num dos orixás mais populares, tanto no candomblé, na qual se tornou o Rei da Nação Ketu, quanto na umbanda, na qual é patrono da linha dos caboclos, uma das mais ativas da religião.

Seu *habitat*, a floresta, é simbolizado pela cor verde na umbanda e recebe a cor azul clara no candomblé, mas pode usar, também, a cor prateada nesse último. As roupas, guias e contas costumam ser confeccionadas nessas cores, incluindo, também, elementos que lembram a floresta, como penas e sementes.

Seus instrumentos de culto são o ofá (arco e flecha), lanças, facas e demais objetos de caça. É um caçador tão habilidoso que costuma ser homenageado com o epíteto "o caçador de uma flecha só", pois atinge o seu alvo no primeiro e único disparo tamanha a precisão. Conta a lenda que um pássaro maligno ameaçava a aldeia e Oxóssi era caçador, como outros. Ele só tinha uma flecha para matar o pássaro e não podia errar. Todos os outros já haviam errado o alvo. Ele não errou, e salvou a aldeia. Daí o epíteto "o caçador de uma flecha só".

No Brasil, Ibulama (*Inlè* ou *Erinlè*) é uma qualidade de Oxóssi, marido de Oxum Ipondá e pai de Logunedé. Como os demais, Oxóssi é caçador, Rei de Ketu e usa ofá, mas se veste de couro, com chapéu e chicote.

No Rio de Janeiro, é sincretizado com São Sebastião, patrono da capital carioca e, na Bahia, com São Jorge.⁹

Sua definição consta tanto no *Dicionário Aurélio* quanto no *Houaiss*, sendo que neste último, com a grafia *Oxoce*.

No *site* Vagalume, de letras musicais, foram encontradas 103 músicas com a palavra *oxóssi* em suas letras. Na música "São João, Xangô menino", composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil, há ocorrência do vocábulo *oxóssi*, segue a estrofe em que este aparece:

⁹ Estas informações foram extraídas do artigo "Oxóssi", publicado no *site* Umbanda Racional, e editadas livremente pelo autor.

Viva São João
Viva o milho verde
Viva São João
Viva o brilho verde
Viva São João
Das matas de Oxóssi
Viva São João¹⁰

Oxumarê



Òsùmàrè na África é a serpente-arco-íris em nagô, é a mobilidade, a atividade, uma de suas funções é a de dirigir as forças que comandam o movimento. Ele é o senhor de tudo que é alongado. O cordão umbilical, que está sob o seu controle, é enterrado, geralmente com a placenta, sob uma palmeira que se torna propriedade do recém-nascido, cuja saúde dependerá da boa conservação dessa árvore.

Ele representa também a riqueza e a fortuna, um dos benefícios mais apreciados no mundo dos iorubás. Em alguns pontos se confunde com o Vodun Dan da região de Mahi.

É o símbolo da continuidade e da permanência. Algumas vezes, é representado por uma serpente que morde a própria cauda. É ao mesmo tempo macho e fêmea. Enrola-se em volta da Terra para impedi-la de se desagregar. Rege o princípio da multiplicidade da vida, transcurso de múltiplos e variados destinos.

¹⁰São João, Xangô menino.

De múltiplas funções, diz-se que é um servidor de Xangô, que seria encarregado de levar as águas da chuva de volta para as nuvens.

É o segundo filho de Nanã, irmão de Obaluaiyê, que são vinculados ao mistério da morte e do renascimento. Seus filhos usam colares de búzios entrelaçados formando as escamas de uma serpente que tem o nome de Brajá, usam também o Lagdigbá como Nanã e Obaluaiyê. Oxumarê, no Brasil, apresenta as mesmas características notadas entre os falantes de iorubá, além do Brajá e Lagdigbá, usam fios de contas amarelas e verdes intercaladas ou de miçangas rajadas.

Quando dança, leva nas mãos pequenas serpentes de metal e aponta o dedo indicador para o céu e para a terra, num ininterrupto movimento.

Era um adivinho (*babalawo*). O adivinho do Rei Oni, segundo um de seus orikis. Sua única ocupação era ir ao palácio real no dia do segredo; dia que dá início à semana, de quatro dias, dos sudaneses.

Oxumarê, na África, é tido como o dono da mina de ouro, senhor de toda a riqueza. Seus domínios se estendem a tudo o que for alongado, assim como o cordão umbilical.

Orixá de extrema força, podendo controlar a vida e a morte em nosso corpo (alongado), assim como também em nosso planeta, pois segundo a mitologia iorubá, é ele quem segura a Terra para que a mesma não parta, e, também, quem a faz girar.

Sua nação é jêje, onde é considerado como dan, e tido como rei do povo jêje. Esse povo era dominado pelos sudaneses, tido como fora de seus limites, ou estrangeiros.

Na nação jêje, sua cor é o amarelo e preto. Já no Ketu, suas cores são o verde e amarelo. Porém essas cores definem apenas o fio de contas, pois todas as cores do arco-íris o pertencem.

Oxumarê, dentro do candomblé, divide-se em duas qualidades: oxumarê macho, representado pelo arco-íris, e oxumarê fêmea, chamado de Frekuem, representado pela serpente.

Sincretizado como São Bartolomeu na Igreja Católica.¹¹

Sua definição consta somente no *Dicionário Houaiss*.

¹¹Estas informações foram extraídas do artigo "Oxumarê", publicado no site Umbanda Racional, e editadas livremente pelo autor.

No *site Vagalume*, de letras musicais, foram encontradas 12 músicas com a palavra *oxumarê*. Segue o trecho da música de Caetano Veloso, “Samba do grande amor”, em que há o registro do vocábulo *oxumarê*:

No grande amor
Mentira
Fiz promessa até
Pra Oxumarê
De subir a pé o Redentor¹²

Xangô



Xangô é um orixá bastante popular no Brasil e às vezes confundido como um orixá com especial ascendência sobre os demais, em termos hierárquicos. Essa confusão acontece por dois motivos: em primeiro lugar, Xangô é miticamente um rei, alguém que cuida da administração, do poder e, principalmente, da justiça – representa a autoridade constituída no panteão africano. Ao mesmo tempo, há no Norte do Brasil diversos cultos que atendem pelo nome de Xangô. No Nordeste, mais especificamente em Pernambuco e Alagoas, a prática do candomblé recebeu o nome genérico de Xangô, talvez porque naquelas regiões existissem muitos filhos de Xangô entre os negros que vieram trazidos de África. Na mesma linha de uso impróprio, pode-se encontrar a expressão *Xangô de caboclo*, que se refere obviamente a um culto sincretizando influências do culto original (candomblé ou umbanda) com cerimônias e mitos dos indígenas da região, também chamado de *candomblé de caboclo*.

¹²SAMBA do grande amor.

Na mitologia, é atribuído a Xangô (enquanto homem, ser histórico) o reinado sobre a Cidade-Estado de Oyó, posto que conseguiu após destronar o próprio meio-irmão Dada-Ajaká com um golpe militar. Por isso, sempre existe uma aura de seriedade e de autoridade quando alguém se refere a Xangô.

Xangô é pesado, íntegro, indivisível, irremovível; sua figura é marcada pelo autoritarismo, suas determinações e desígnios não são questionados pela maior parte de seus filhos, quando inquiridos. Suas decisões são sempre consideradas sábias, ponderadas, hábeis e corretas. Ele é o orixá que decide sobre o bem e o mal. Ele é o orixá do raio e do trovão. Miticamente, o raio é uma de suas armas, que ele envia como castigo.

Xangô tem a fama de agir sempre com neutralidade (a não ser em contendas pessoais suas, presentes nas lendas referentes a seus envolvimento amorosos e congêneres). Seu raio e eventual castigo são o resultado de um quase processo judicial, em que todos os prós e os contras foram pensados e pesados exaustivamente – a famosa balança da Justiça. Seu axé, portanto, está concentrado nas formações de rochas cristalinas, nos terrenos rochosos à flor da terra, nas pedreiras, nos maciços. Suas pedras são inteiras, duras de se quebrar, fixas e inabaláveis como o próprio orixá.

Sincretizado como São Jerônimo na Igreja Católica.¹

Sua definição consta tanto no *Dicionário Aurélio* quanto no *Houaiss*.

No *site Vagalume*, de letras musicais, foram encontradas 167 músicas com a palavra *xangô* em suas letras. Como abonação, segue um trecho da música “Canto de Xangô”, de Vinícius de Moraes:

Xangô Agodô
Hoje é tempo de amor
Hoje é tempo de dor, em mim
Xangô Agodô
Salve, Xangô, meu Rei Senhor
Salve meu Orixá
Tem sete cores sua cor
Sete dias para a gente amar
Salve Xangô, meu Rei Senhor
Salve meu Orixá²

¹ Estas informações foram extraídas do artigo “Xangô”, publicado no *site Umbanda Racional*, e editadas livremente pelo autor.

² CANTO de Xangô.

Referências

BOCA de sapo. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/joao-bosco/boca-de-sapo.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CANTO de Xangô. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/vinicius-de-moraes/canto-de-xango.html>>.

EXU. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/exu.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEU pai é general de umbanda. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/bezerra-da-silva/meu-pai-e-general-de-umbanda.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

MEU pai, Oxalá. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/toquinho-e-vinicius/meu-pai-oxala.html>>.

OGUM. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/ogum.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

OMULO/Obaluaê. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/omulo.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

OXALÁ. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/oxala.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

OXUMARÊ. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/oxumare.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

OXÓSSI. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/oxossi.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SAMBA do grande amor. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/gal-costa/samba-do-grande-amor.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SÃO João, Xangô menino. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/caetano-veloso/sao-joao-xango-menino>>. Acesso em: 20 out. 2008.

TATAMIRÔ. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/toquinho-e-vinicius/tatamiro.html>>.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. São Paulo: Corrupio, 2002.

XANGÔ. Disponível em: <<http://br.geocities.com/umbandaracional/xango.html>>. Acesso em: 20 out. 2008.

Alcunhas

Emanoela Cristina Lima

Este trabalho tem por objetivo mostrar a contribuição africana ao português do Brasil. Serão analisadas as palavras *bamba*, *caçula*, *candongueiro*, *capanga*, *capenga*, *dunga* e *mambembe*, que estão inseridas na obra *Africanos no Brasil*, de Nelson de Senna. Neste livro diversas palavras de possível origem africana se encontram distribuídas em grupos semânticos como: afeições, alcunha, alimentos, bebidas, danças, instrumentos, dentre outros.

Os sete vocábulos que constam neste trabalho partiram do grupo de alcunhas de *Africanos no Brasil*. Este grupo é subdividido em quatro partes. A primeira parte se refere a "alcunhas e apelidos depreciativos do indivíduo", do qual serão analisados os vocábulos *candongueiro*, *capanga* e *mambembe*. A segunda parte agrupa os "alcunhas por defeitos físicos e deformações", da qual foi escolhida a palavra *capenga*. Na terceira parte estão as alcunhas que revelam más qualidades e na quarta parte encontram-se listados os "qualificativos elogiosos", da qual partem os vocábulos *bamba*, *caçula* e *dunga*.

É interessante ressaltar que seis das palavras que serão analisadas são de etimologia provável do quimbundo e uma delas, *dunga*, é, possivelmente, do quicongo, sendo, portanto, todas de origem banto.

Bamba

Pessoa que é muito valente. Pode designar também algum conhecedor profundo de um determinado assunto, uma autoridade ou mestre. Indivíduo que se sobressai em meio a outros. Essa palavra, segundo Nei Lopes, pode qualificar também um sambista virtuoso.

O vocábulo *bamba* é encontrado na letra da música “Ela é bamba”, do compositor Totonho Villeroy, interpretada pela cantora Ana Carolina:

Ela é bamba, essa preta do Pontal
Cinco filhos pequenos pra criar
Passa o dia no trampo e no pau
Ainda arranja um tempinho pra sambar
Quando cai na avenida, ela é demais
Todo mundo de olho, ela nem aí
Fantasia bonita ela mesmo faz
Manda todas não erra a mira
Mãe, passista, atleta, manicure, diplomata
Dona da boutique, enfermeira, acrobata³

É, possivelmente, uma palavra de origem quimbundo, *mbamba*, que se encontra no *Dicionário kimbundo-português*, de Assis Júnior. Esta etimologia é confirmada em dicionários como o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Machado, *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles. Além desses dicionários, o possível étimo quimbundo é tratado nas obras *Falares africanos na Bahia*, de Yeda de Castro, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Este vocábulo ocorre no site de busca do Google aproximadamente 3.390.000 vezes.

Caçula

O mais novo dos filhos ou dos irmãos.

Este vocábulo se encontra presente nos seguintes dicionários: *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba,

³ ELA é bamba.

*Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa, Dicionário etimológico da língua portuguesa, de Machado, Dicionário morfológico da língua portuguesa, Novo dicionário banto do Brasil, de Nei Lopes, e Vocabulário crioulo, de Vicente Salles. Além desses dicionários, o vocábulo ocorre nas obras *Falares africanos na Bahia*, de Yeda de Castro, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Este vocábulo ocorre no site de busca do Google aproximadamente 355 mil vezes.*

Na música “Relampiano”, de Lenine e Paulinho Moska, encontra-se a palavra *caçula*:

Todo dia é dia, toda hora é hora
Neném não demora pra se levantar
Mãe lavando roupa, pai já foi embora
E o caçula chora pra se acostumar
Com a vida lá de fora do barraco
Hai que endurecer um coração tão fraco
Pra vencer o medo do trovão
Sua vida aponta a contramão⁴

Há mais duas outras acepções para a palavra *caçula*, ambas de provável étimo quimbundo. Em uma delas o vocábulo é utilizado para se referir ao ato de socar ao pilão produtos como milho e café (no quimbundo: *ku-sula*) e a outra acepção é utilizada para denominar uma bebida tônica (no quimbundo: *kakula*).

Caçula é possivelmente um vocábulo de étimo quimbundo: *kasule*. Yeda de Castro aborda também a forma deste vocábulo no quicongo: *kasuka* (também tratada por Nei Lopes) e no umbundo: *okwasula*.

Candongueiro

Sujeito mesquinho, astuto, enganador. Além disso, este vocábulo é utilizado para se referir a contrabandistas ou também para designar a uma pessoa que faz demonstrações de carinho fingido e interesseiro.

Na obra *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, encontra-se a ocorrência da palavra *candongueira*: “— Vosmecê é candongueira. Cuide do ferro de passar. Cada macaco em seu galho.”⁵

⁴ RELAMPIANO.

⁵ CARVALHO. *O coronel e o lobisomem*, p. 84.

Palavra dicionarizada, encontra-se no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, no *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba. A formação da palavra *candongueiro* se dá a partir do vocábulo *candonga*, que é uma palavra de origem controvertida. Nei Lopes levanta a hipótese desse vocábulo ser do banto, sendo no umbundo e no quimbundo (*ndonga*) e no quicongo (*nkua-ndungue*). Já Renato Mendonça coloca que o étimo provável desta palavra é quimbundo (*kandenge*). Percebe-se então a divergência quanto à etimologia da palavra *candonga*. O vocábulo *candongueiro* é uma derivação da palavra *candonga*, esta recebeu o acréscimo do sufixo nominal latino *-eiro*, que é geralmente utilizado para formar derivados de cunho popular.

Capanga

Sujeito de confiança, geralmente pago por uma pessoa que quer ser protegida, ou ter sua propriedade vigiada. O capanga pode ser pago também para assassinar uma pessoa, ou para cometer coerções ou qualquer outro tipo de ato inescrupuloso.

No capítulo XIV da obra *Til*, de José de Alencar, ocorre o uso do vocábulo *capanga*:

Entretanto pela mente do capanga, desse homem feroz que se fizera instrumentos de ódios e de vingança alheias, nem de longe perpassou a idéia que tinha ali a mercê da vontade e ao alcance do braço, uma quantia superior à aquela de que necessitava para desempenhar sua palavra.⁶

O vocábulo *capanga* é de étimo indeterminado. Alguns autores fazem especulações a respeito da etimologia desta palavra. Nei Lopes afirma que *capanga* é de étimo controvertido, mas levanta a possibilidade do vocábulo ser do quimbundo: *kapanga*. Esta forma colocada pelo autor está presente no *Dicionário kimbundu-português*, mas é colocado o seguinte verbete: "Loco presilha. Diz do fato de meter a cabeça do adversário no sovaco apertando-o por forma de subjugá-lo."⁷

⁶ ALENCAR. *Til*, p. 167.

⁷ CAPANGA, p. 167.

Yeda Pessoa de Castro traz o vocábulo no quicongo *kimpunga*, e no quimbundo *kimbangala*, que segundo o *Dicionário kimbundu-português*, significa 'armação de madeira, esqueleto de uma casa', ou 'quem é de Bengala'. Vicente Salles coloca uma citação de Luís Câmara Cascudo, em que *kapanga* aparece como um topônimo no Congo, na fronteira da Portugália, Angola.

Esse vocábulo ocorre, também, nos seguintes dicionários: *Novo dicionário da língua portuguesa*, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Machado, *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Além desses dicionários, o vocábulo também se encontra na obra *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Este vocábulo ocorre no site de busca do Google aproximadamente 64 mil vezes.

Existe outra acepção para a palavra *capanga*, que é 'pequena bolsa usada para transportar pequenos objetos e diamantes nos garimpos', de acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. A palavra, também, ganhou a acepção de 'guarda-costas' "porque os comerciantes que compravam os produtos dos garimpeiros, naturalmente os protegiam, mandando-lhes avisos quando havia batidas de policiais".⁸ O mesmo dicionário traz como etimologia desta acepção o quimbundo *kappanga*, 'entre sovaco'.

Capenga

Indivíduo que manca, coxo. Ou algo imperfeito, com defeito. Qualifica também algo em mal estado de conservação ou de má qualidade.

Em *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, há um fragmento em que este vocábulo ocorre: "Não tem? Porque não tem seu Quintanilha? Sou capenga?"⁹

Essa palavra é dicionarizada, encontrada em: *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, *Dicionário etimológico da*

⁸ CAPENGA, p. 606.

⁹ CARVALHO. *O coronel e o lobisomem*, p. 65.

língua portuguesa, de Machado, *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles. Além desses dicionários, o vocábulo ocorre nas obras *Falares africanos na Bahia*, de Yeda de Castro, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Este vocábulo ocorre no site de busca do Google aproximadamente 89.200 vezes.

Nenhum dos dicionários consultados afirma a etimologia do vocábulo *capenga*. Nei Lopes coloca que o étimo provável desta palavra é do quimbundo e do umbundo *kiapenga*, já Yeda de Castro traz a forma no quimbundo *kimpemba*.

Dunga

Homem bravo, valente. Sujeito sem igual em sua especialidade. Indivíduo corajoso e arrojado. Chefe, mandão, senhor, mestre. Pode ser também a carta dois de paus ou curinga em jogos de cartas.

Um dos anões da história da *Branca de Neve e os sete anões* recebe o nome Dunga, na tradução da história do inglês para o português: “No quarto ela encontrou sete caminhas, com os nomes esculpidos em cada uma delas: Soneca, Feliz, Dengoso, Dunga, Zangado, Mestre e Atchim. Que nomes engraçados para crianças, ela pensou.”¹⁰

A palavra *dunga* não ocorre no *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba. Há ocorrência dela nos seguintes dicionários: *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Machado, *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles. Além desses dicionários, o vocábulo ocorre nas obras *Falares africanos na Bahia*, de Yeda de Castro, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Este vocábulo ocorre no site de busca do Google aproximadamente 1.400.000 vezes, sendo boa parte dos artigos referentes ao ex-jogador e técnico da seleção brasileira apelidado de Dunga.

¹⁰PRADO; CAETANO. *Branca de Neve e os sete anões*, p. 6.

A etimologia provável do vocábulo *dunga* é, segundo Nei Lopes e Yeda de Castro, do quicongo *ndunga*. De acordo com Renato Mendonça, o vocábulo é proveniente de uma língua africana dos negros da Costa.

Mambembe

Inferior, medíocre, ordinário. Pode designar ator ou grupo teatral amador, de má qualidade. Há outra acepção, que é de 'lugar ermo, afastado'.

Há uma música de Chico Buarque com o título "Mambembe":

Mambembe cigano
Embaixo da ponte
Cantando
Embaixo da terra
Cantando
Na boca do povo
Cantando¹

Este vocábulo ocorre nos dicionários: *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Machado, *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *Vocabulário crioulo*, de Vicente Salles. Além desses dicionários, o vocábulo ocorre nas obras *Falares africanos na Bahia*, de Yeda de Castro, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Este vocábulo ocorre no site de busca do Google aproximadamente 30.400 vezes.

Quanto a sua etimologia, Yeda de Castro afirma a origem banto do étimo, que é, provavelmente, do quicongo e do quimbundo. Segundo Nei Lopes, a palavra é, provavelmente, do quimbundo *mumbe* - 'abandonado', 'desamparado', 'desprotegido', 'pobre' - como sufixo iterativo *mbe* (*meimbembe*).

Referências

ALENCAR, José de. *Til*. 9. ed. José Olimpo: Rio de Janeiro, 1972. p. 167.

ASSIS JÚNIOR, António de. *Dicionário kimbundu-português: linguístico, botânico, histórico*

¹ MAMBEMBE.

e corográfico. Seguido de um índice alfabético dos nomes próprios. Luanda: Argente, Santos, [194-].

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CAPANGA. In: ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *Dicionário kimbundu-português*: linguístico, botânico, histórico e corográfico. Seguido de um índice alfabético dos nomes próprios. Luanda: Argente, Santos, [194-].

CAPENGA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manuel de Melo. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da praça de Campos dos Goitazes. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ELA é bamba. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/ana-carolina/44122/>>. Acesso em: 20 out. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon Ricardo. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: UNISINOS, 1984. 5v.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manuel de Melo. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 1942.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*: com a mais antiga documentação escrita e reconhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1952-1959. 2v.

MAMBEMBE. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/84723/>>. Acesso em: 20 out. 2008.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1935.

PRADO, Inês; CAETANO, Lúcia (Trad. e adap.). *Branca de Neve e os sete anões*: contando com os amigos. [S.l.: s.n.], 2001.

RELAMPIANO. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/lenine/88972/>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SALLES, Vicente. *Vocabulário crioulo*: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP, Programa Raízes, 2003.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*: estudo sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte: Of. Gráf. Queiroz Breyner, 1938.

Qualidades pejorativas

Gustavo Costa

Definindo o campo semântico

Definido meu campo semântico – *qualidades pejorativas* – passei à escolha das sete palavras, o que só fez com que o trabalho se tornasse mais árduo.

Para selecionar apenas sete da quantidade de pejorativos presentes no vocabulário de Jacques Raimundo, acabei definindo um subcritério, e dividi as palavras em dois grupos: *palavras comuns* e *não comuns atualmente*. É relevante observar que me baseei no modo de falar mineiro para estabelecer essas subdivisões. Então, para não ficar só nas palavras com as letras B e C (maior concentração de adjetivos desse tipo), folheei o vocabulário de A a Z e finalmente selecionei minhas sete palavras. No primeiro grupo, das palavras comuns na língua portuguesa atual, encontram-se: *banguela*, *boboca* e *caolho*. Já no segundo, das palavras não comuns no português atual, estão: *caffa*, *rambembe*, *xacoco*, *zerê*.

Grande é a dificuldade em encontrar, em textos correntes da língua atual, principalmente na internet, o uso de algumas das palavras do grupo 2, qualquer que seja o significado.

Banguela

1) Pessoa desdentada, ou que perdeu um (ou mais de um) dente. Liga-se principalmente à depreciação estética que se faz de tal pessoa. 2) “Andar na banguela”, desligar o motor do automóvel enquanto se está em alta velocidade num declive, a fim de economizar o combustível do motor.

Definição de banguela em Jacques Raimundo:

Pessoa desdentada a que tem falta de um ou mais dentes incisivos
// Pessoa que fala com incorreção ou pronuncia mal as palavras,
como se lhe faltassem dentes. // Etim.: de banguela ou banguela,
nome do negro da prov. de Benguela, decerto por limarem exageradamente os dentes.

Propositadamente omito na definição de Jacques Raimundo a categoria gramatical ao qual os verbetes pertencem, uma vez que já foi definido acima que as palavras elencadas para os sete verbetes fazem parte dos adjetivos.

Em Aurélio Buarque de Holanda:

[Do top. *Benguela* (Angola)] Adj. 2 g. Bras. Diz-se de pessoa cuja arcada dentária é falha na frente; desdentado. Pessoa que fala incorretamente ou ao modo de banguela. Bras. Pop. Com a marcha do veículo automóvel desengatada, em ponto morto.

Aproximadamente 112 mil ocorrências no Google e 21.800 no Cadê.²

Texto 1

Rapadura para banguela.

Governo distribuirá escova e pasta dental

Ótimo! Agora só falta distribuir os dentes e todos os brasileiros carentes poderão manter sua higiene bucal após as refeições. Peraí... mas que refeições?³

Texto 2

Banguela

Dormi com minha camisola-camiseta azul com o logo do Super Homem no peito, pra ver se acumulava força e coragem. Não adianta, nas questões dentárias eu não sou nem um pouco como a minha mãe. Sou mesmo uma fracola, uma molóide, uma *drama queen*. Passei a manhã prostrada em estado catatônico. Não

² Valores numéricos válidos para 6 dez. 2006, às 18h50min.

³ COCADABOA – Rapadura pra banguela.

consegui fazer nada além de olhar o relógio, como se estivesse esperando a minha hora no matadouro, na câmara de gás [...] Esse dente não estava sendo muito bonzinho. O número vinte e oito do lado direito inferior já tinha dado inúmeros problemas e teve o canal tratado duas vezes e foi operado numa outra vez. Um trauma atrás do outro. Parece que o dito cujo tinha muitas raízes e uma delas estava rachada, fazendo com que a infecção recorrente vazasse. Tinha que ser removido, não tinha mais jeito. Pra mim tirar um dente é uma coisa inconcebível. Não sei explicar o que eu sinto, é como se o dente fosse um dedo. Mas tem que se fazer, que se faça. Só não me peçam pra visualizar cenários bucólicos e ficar tranquila pois isso é impossível.

Passei o dia seguinte com náuseas e vomitando, pois o *pain killer* não me fez bem. O Uriel comprou um estoque de sucos, gelatina, pudins, iogurtes e passei umas vinte e quatro horas na cama, sem tomar banho, sem abrir a cortina, sem pensar em nada. Só dormi e vi *trash* tevê na companhia do Senhor Misty Gray, que roncou ao meu lado o dia inteiro. Já estou melhor, nem olhei o buraco na boca ainda, vou precisar de mais uns dias. Mas sobrevivi!⁴

Texto 3

Não se pode generalizar, Eric: há situações em que o uso da banguela (ponto-morto com o carro em velocidade) pode trazer ligeira economia, como há condições em que manter uma marcha engatada é o modo de obter menor consumo médio. O leitor refere-se a um teste específico, podendo-se efetuar facilmente outros que indicariam o contrário.⁵

Texto 4

Mina banguela

Era um garoto que ia pro forró
Toda balada não podia ficar só
Um dia desses estava bem contente e acabou beijando uma mina
sem os dentes
Era banguela a mina era banguela, meu Deus do céu aquela mina
era banguela

⁴ ROSA. Banguela.

⁵ SAMAHÁ, Fabrício. "Banguela" ou marcha engatada, como economizar nas descidas.

Era banguela a mina era banguela e todo canto que eu olhava no
fórró eu via ela
E ela tava vindo, vindo toda sorridente
Meu Deus do céu como é que foi beijar uma mina sem os dentes⁶

Boboca

1) Pessoa ingênua, homem ou mulher, que se deixa facilmente enganar.

O termo *boboca* foi predominantemente encontrado em textos informais, geralmente comentários assinados, textos poéticos e reproduções de fala.

Definição de *boboca* em Jacques Raimundo:

desdentado; boca mole. Por extensão: abobado // Do verbo amb. *ku-boboka*, ser desdentado, não ter dentes. // Der.: bobocar, falar como quem não tem dentes; esbobocado, esbobocamento. // Nenhum desses vocábulos já foi dicionarizado.

Foi encontrado como sinônimo de *bobo* e *tolo*, embora a origem da palavra *bobo* remeta à Idade Média. *Balbus* em latim queria dizer aquele que não pronunciava bem as palavras, daí *balbuciar*. Na Idade Média, o bobo era aquele que fazia rir a corte com suas palhaçadas.

Aproximadamente 27.400 ocorrências no Google e 2.640 no Cadê.⁷

Texto 1

Não sou muito noveleira, mas “Belíssima” é realmente instigante e dá vontade de sentar no sofá para assistir. Ela tem o poder das boas novelas: faz a gente ter raiva, simpatia, desprezo pelos personagens. Aliás, essa Julia é uma boboca mesmo, não? Até aceita que o André mande ela ir no salão arrumar o cabelo antes de trabalhar!!!⁸

Texto 2

Realmente, os estereótipos do garanhão e da submissa permanecem muito fortes. Mas ao invés de valorizar os poucos bons

⁶ MINA banguela.

⁷ Valores numéricos válidos para 6 dez. 2006 às 18h55min.

⁸ BAGGIO, Adriana. Essa Julia é uma boboca. 3 jan. 2006. [Comentário em MATTÁ. Glamour e mistério em Belíssima].

moços que restaram, elas decidiram virar o jogo em busca de direitos iguais. Agora é a vez delas se divertirem, e para isso um boboca não serve: que venha o cafa, pois ele sabe como fazer. E onde entra o boboca? Ah, ele é aquele cara legal, que serve para ouvir, dar atenção...

A tendência, evidentemente, é cansar dessa vida. Quando isso acontecer, é hora de se encostar naquele que der "mais segurança". Pode ser qualquer um, até o boboca. Mas quase ninguém lembra deles. "Tem muita gente querendo o telefone do Alcebiades", diz o Doni, um pouco indignado.⁹

Cafifa

- 1) Regionalismo, substantivo feminino; brinquedo feito de madeira leve, papel fino ou plástico e linha. Pipa. Papagaio.
- 2) Cafetão, dono de bordéis.
- 3) Substantivo feminino; má sorte, azar.

Definição de *cafifa* de Jacques Raimundo: "Azarento; pesado, sem sorte (par. Do N.; J. Am., *Bagac.*) // De *caffé*."

Aurélio: "[de *caffé*] S. 2 g. Bras. Pop. 1) Pessoa de má sorte no jogo. 2) Pessoa a quem o jogador atribui a sua má sorte. 3) Papagaio."

Fez-se necessário um levantamento maior de textos para definição mais clara desse vocábulo devido às primeiras dificuldades encontradas ao se trabalhar com as palavras do subgrupo 2, das palavras não comuns na língua portuguesa atual. Primeiro, por se tratar de um terreno move-dição, surgem muitas incertezas na hora de selecionar os textos que melhor definem/explicam o uso da palavra no contexto (757 representam pou-quíssimas ocorrências, se comparadas com o número de ocorrências para *banguela*, *boboca* e *caolho*, por exemplo, mas são muitas quando se quer selecionar dois ou três textos que englobem todas as possibilidades do vocábulo). Segundo, e imagino ser esse o grande obstáculo do lexicógrafo, é difícil precisar qual sentido quis dar o autor do texto quando usa deter-minada palavra, principalmente quando o estudioso a desconhece comple-tamente. Terceiro, por ser um trabalho baseado quase exclusivamente em textos da internet, não podemos distinguir quais são dignos de confiança ou não. Fica por exemplo a hesitação em registrar, na lista de definições de *cafifa*, o sentido dado pelo texto 2, que me pareceu gratuito, desprovido

⁹ OLIVEIRA. Saia com ele de uma vez, vai...

de créditos que lhe dessem embasamento. Mas isso é apenas conjectura, embora não tenha encontrado, em muitos outros textos conferidos, usos da palavra que justificassem o sentido no texto mencionado.

Aproximadamente 757 ocorrências no Google e 236 no Cadê.

Texto 1

Aulas com pipas!

Sabia que é possível aprender muita coisa enquanto você se diverte com esse brinquedo?

Papagaio, pandorga, arraia, cafifa ou, simplesmente, pipa. Não importa o nome que receba esse brinquedo, feito com varetas de madeira leve, papel fino e linha: qualquer pessoa tem tudo para se encantar com ele! Pudera: colocar uma pipa para bailar no ar é a maior diversão! E sabia que, na sala de aula, a pipa tem muito a ensinar?¹⁰

Texto 2

Fica louca. (Não acho ruim. Acontece muito nos romances de Dostoievski e em alguns de José Lins do Rego.) Íris torna-se ninfeta sadomasô requisitadíssima da central de garotas e tias de programa montada por Pedro com o objetivo de organizar a sacanagem, troca-troca e prostituição reinantes, na qual ele é um cafifa dominador, e onde trabalham Helenas, Cíntias, Capitus, Simones, Ritas, telefonistas, todas com motivos válidos para cair na vida (sustentar os filhos, claro) tendo a mãe de Capitu como cafetina gerente.¹¹

Texto 3

No stress, no problems: a solução!

Para quem sofre de mazelas, aporrinhamentos, desgostos, achaques, agruras, ziquiziras, urucubacas, cafifa, inhaca, enguiço, mau-olhado ou olho-gordo.¹²

¹⁰ABREU. Aulas com pipas!

¹¹ANGELO. Laços de Família.

¹²COSTA. *No stress, no problems: a solução!*

Caolho

1) Deficiente de um olho. 2) Que enxerga mal, ou tem uma visão distorcida dos fatos.

Definição de *caolho* para Jacques Raimundo: "Zarolho; torto, defeituoso ou falta de um olho. // Palavra híbrida: *ca*<amb. *ka*, pref. diminutivo-pejorativo + *olho*."

Aurélio: "[Do quimb. *ka*, 'pequeno' + *olho*] Adj. S.m. Bras. 1. V. *estrábico*; *zarolho*."

Aproximadamente 703 mil ocorrências no Google e no Cadê foram 9.260 ocorrências.¹³

Texto 1

Simão, o caolho

História de um caolho que quer, de qualquer maneira, recuperar seu olho perdido. Para tanto, submete-se até às experiências de um inventor maluco.¹⁴

Texto 2

Dentre os vários textos pesquisados foi difícil selecionar aqueles que expressassem com alguma precisão o sentido do vocábulo *caolho*. Muitas das entradas encontradas nos sites do Google e Cadê se referem a denominações próprias, como "Willy Caolho"¹⁵. Deve-se a isso o fato do vocábulo já ser tão corrente na língua portuguesa atual que na maioria das vezes dispensa qualquer explicação, mesmo quando usado em sentido conotativo, como em:

Pois é. Um dos faróis da frente queimou e o meu carro está caolho. Gente, vou confessar uma coisa: não tem coisa que mais me envergonha do que carro caolho. Odeio carro caolho, tenho horror de carro caolho. Toda vez que vejo um carro caolho na rua morro de dó. "Coitado, caolho, eu penso".¹⁶

¹³Valores numéricos válidos para 6 dez. 2006 às 19h04min.

¹⁴SIMÃO, o caolho.

¹⁵Ver VOLPATO. Os Goonies.

¹⁶CARVALHO. O carro caolho.

Rambembe

Definição de Jacques Raimundo: "adj. p. us. Ordinário, imprestável, de nenhum valor. // De *r(i)ambembe*, como por ex. em *(riiaki)r(i)ambembe*, ovo branco etc.; vd. *mpembe*."

Faz-se pertinente destacar a classificação gramatical da entrada acima para salientar que Jacques Raimundo já a apresenta como "adjetivo pouco usual".

No *Aurélio* não consta o vocábulo *rambembe*, mas sim *mambembe*: [De or. obscura] Bras. S.m. 1) Lugar afastado, ermo. 2) Ator, ou grupo teatral amador e de má qualidade. 3) Grupo teatral volante. 4) Medíocre, ordinário, inferior, zambembe."

Não há ocorrências no Google ou no Cadê. Essa pesquisa foi novamente realizada em 6 dezembro de 2006, às 19h15min. O Google sugere que "Você quis dizer: *mambembe*".

Será? Vamos pesquisar alguns textos, e ver se *rambembe* evoluiu para a forma *mambembe*, que temos hoje. *Mambembe* tem 102 mil ocorrências no Google e 26.100 no Cadê.¹⁷

Texto 1

Índio Chiquinha

Artista mambembe autônomo, Índio Chiquinha ficou conhecido nacionalmente por ter sido entrevistado no "Pânico na TV". Consegui estas imagens inéditas em Poços de Caldas!¹⁸

Texto 2

Vizinhança mambembe

Marquinhos nascera em uma casa muito engraçada. Não tinha teto, não tinha nada. Sequer ficava (*sic*) Rua dos Bobos, mas sim na Rua da Amargura. E a maldita residência também não era identificada pelo número zero, mas sim pelo 13. [...] De qualquer forma, como nem tudo que fede é merda, ao menos ele não podia se queixar da vizinhança. Afinal, até que era divertido conviver

¹⁷Valores numéricos válidos para 6 dez. 2006, às 19h16min.

¹⁸SCRIPTURN Website. Disponível em: <http://scripturn.com/tag_indiochiquinha.html>.

com o Sérgio Malandro, a Rita Cadillac e o Alexandre Frota, embora Marquinhos nunca entendera por que esse povo ia e voltava tanto daquele lugar.¹⁹

Xacoco

A palavra é raramente usada, como demonstra a pouca quantidade de ocorrências verificadas nos principais *sites* de busca: Google e Cadê.

Algumas das ocorrências apontam para estudos sobre português antigo, palavras de origem africana ou outros assuntos relacionados, como arcaísmos ou ortografia. Não se tratam de textos correntes com o uso do vocábulo selecionado, e por isso mesmo foram preteridos na seleção dos que melhor apresentariam um uso concreto da palavra *xacoco*.

Durante a pesquisa foi encontrada também a palavra *enxacoco*, que é um sinônimo de *xacoco* em alguns contextos. Suas ocorrências são maiores, embora não sejam tão expressivas assim: 50 no Google e 42 no Cadê.

Definição de *xacoco* de Jacques Raimundo: "Diz-se de quem, pretendendo falar uma língua, a barbariza com defeitos de prosódia, de construção etc. // Do amb. *xakoko*, lingüareiro; Cannecattim já o registra."

Aurélio: "[do quimb. *xacoco*, 'lingüareiro'] Adj. S.m. 1) Enxacoco. 2) Que ou aquele que é falto de graça, de arte. Que ou quem é desengraçado, desenxabido."

Apenas 51 ocorrências no Google e 25 no Cadê.²⁰

Texto 1

Alguns desses estudiosos afirmam até ter-se iniciado a constituição de um crioulo de base portuguesa no Brasil. Entre eles está Silva Neto (1957:436-7), que expressa o seguinte conceito de crioulo: "Os crioulos são falares de emergência, com caracteres definidos e vida própria, que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma língua, quando imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização inferior [...] Nos crioulos há vários graus de aprendizagem, pois, segundo as circunstâncias, o primitivo falar *xacoco* mantém-se ou é aos poucos renovado pelo sangue novo

¹⁹ MORFINA: pacientes terminais.

²⁰ Valores numéricos válidos para 6 dez. 2006, às 19h18min.

da língua européia. De geração em geração, graças sobretudo à escola, vai-se aperfeiçoando e enriquecendo a primitiva fala de emergência. [...] Daí o admitir-se a existência de um semi-crioulo, ou seja, um estágio mais aperfeiçoado da primitiva aprendizagem. Ele exemplifica-nos o choque entre o falar europeu e o crioulo. Este vai sendo, pouco a pouco, invadido por palavras e giros do falar das pessoas socialmente mais bem dotadas. O semi-crioulo encerra, pois, formas e torneios semi-cultos”.²¹

Texto 2

Disseram-me que não entendem o que escrevo. Como prova de que todas as minhas palavras são entendíveis segue um textinho para sua apreciação:

O Fraquete e o Rijo

O menino que já não podia mais aguentar tanto sofrimento, não se deteve quando lhe subiu à veia a vontade de manifestação viva e súbita. O outro, depois de zurzi-lo, ainda disse que era um xacoco. E o menino frequete, quereloso de tanta tribulação acabou-se por arrebatar numa gritada atroante.

Não entendeu? Algumas traduções:

Fraquete (fracote, com pouca força)

Rijo (forte, vigoroso)

Zurzi-lo (maltratar, punir severamente)

Xacoco (que falta a graça, desengaçado)²²

Zerê

Impossível registrar ocorrências no Google e no Cadê. Os *sites* de busca interpretam a entrada como *zere*, do verbo *zerar*.²³

Entre as milhares de ocorrências para *zere* no Google (12.900) e centenas no Cadê (935) não foi possível encontrar um texto que abo-nasse o uso do vocábulo *zerê*. A única ocorrência que apresentou o vocá-bulo na forma desejada foi do *site* do Instituto de Linguística Teórica e Computacional, na Base de Dados Morfológica do Português, que apre-

²¹ RAMOS. Revendo alguns conceitos: a constituição histórica do português brasileiro.

²² BAHASI. Palavras.

²³ Dados atualizados em 6 de dezembro de 2006 às 19h20min.

senta um quadro com a palavra e suas formas masculina e feminina, singular e plural, sem apresentar definições.

Conclui-se então que o vocábulo não mais faz parte do português atual, tornou-se palavra morta, sendo substituída totalmente por seus sinônimos, que serão dados a seguir de acordo com Jacques Raimundo e o *Dicionário Aurélio* em que tenho pesquisado.

Definição de *zerê* de Jacques Raimundo: "Zarolho. // Etim.: parece que a princípio se aplicou apenas ao cego do olho esquerdo. Do chin. *azere*, esquerdo; a acutização é como a de *quigombo*, *zungu*, *zumbi*."

Aurélio: "Adj. 2 g. S. 2 g. Bras. 1. v. *Zarolho*. 2. *Estrábico*."

Conclusão

Este trabalho representa um esboço do que seria uma pesquisa lexicográfica de fato. Na verdade apenas um ensaio para que alunos do curso de graduação em Letras da UFMG possam sentir na pele as dificuldades enfrentadas pelo lexicógrafo em sua empreitada. É redundante afirmar que tal trabalho possui uma série de limitações, tanto na definição metodológica (a qual procurei seguir fidedignamente) quanto na base de dados que forneceu o *corpus* da análise. Mas ainda que tais venalidades possam dar à obra um aspecto pueril, todo o projeto foi elaborado com esmero, dentro das limitações que já havia apresentado no início deste. Como ponto positivo, gostaria de apontar a relevância que a metodologia empregada apresenta ao comparar o número de ocorrências de palavras consideradas *conhecidas* e o de palavras *desconhecidas* da língua portuguesa, e nesse sentido, o uso da internet se mostrou muito útil, pois a investigação feita a partir dos *sites* de busca apresentam um panorama geral, global e atualizado da situação do vocábulo. Infelizmente o trabalho com literatura deixou a desejar, e teria sido muito proveitoso me valer de textos inspirados na cultura africana. Enfim, fecho esse pequeno "ensaio lexicográfico" sem, contudo, tomá-lo como acabado. Seria interessante e prazeroso registrar aqui a história da busca de cada uma destas palavras, o sentimento que cada uma pôde proporcionar, mas isso seria prolongar em demasia. Que valham os créditos pelo esforço que exigiu a completa realização desta obra, que muitas vezes desacreditei que fosse ver completa.

Referência

- ABREU, Cathia. Aulas com pipas! *Ciência Hoje das Crianças*. 22 nov. 2004. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/2194>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- ANGELO, Ivan. Laços de Família. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/qtv200120016.htm>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- BAHASI, Carolina. Palavras. Disponível em: <<http://decostasproespelho.blogspot.com/2006/06/palavras.html>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- CARVALHO, Lúcia. O carro caolho. 11 jul. 2006. Disponível em: <<http://frankamente.blogspot.com/2006/07/o-carro-caolho.html>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- COCADABOA – Rapadura pra banguela. Disponível em: <<http://www.cocadaboa.com/arquivos/007524.php>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- COSTA, Claudio. *No stress, no problems: a solução!* 12 out. 1990. Disponível em: <http://prascabecas.blogspot.com/1990_10_01_archive.html>. Acesso em: 21 out. 2008.
- MATTA, Luis Eduardo. Glamour e mistério em Belíssima. 3 jan. 2006. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1795&titulo=Glamour_e_misterio_em_Belissima>. Acesso em: 21 out. 2008.
- MINA banguela. Disponível em: <http://www.buscamp3.com.br/artists_profile_music.asp?id=11949>. Acesso em: 21 out. 2008.
- MORFINA: pacientes terminais. Disponível em: <<http://www.morfina.com.br/terminais.asp?texto=14764>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- OLIVEIRA, André Rosa de. Saia com ele de uma vez, vai... 12 set. 2006. Disponível em: <<http://dialectica.org/marmota/saia-com-ele-de-uma-vez-vai/>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- RAMOS, Ricardo Tupiniquim. Revendo alguns conceitos: a constituição histórica do português brasileiro. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-15.html>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- ROSA, Fernanda Guimarães. Banguela. 6 maio 2005. Disponível em: <<http://www.fezocasblurbs.com/archives/003093.html>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- SAMAHÁ, Fabrício. "Banguela" ou marcha engatada, como economizar nas descidas. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/bestcars/ct/cutoff3.htm>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- SCRIPTURN Website. Disponível em: <http://scripturn.com/tag_indiochiquinha.html>. Acesso em: 21 out. 2008.
- SIMÃO, o caolho. Disponível em: <<http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/simao-o-caolho/simao-o-caolho.asp>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- VOLPATO, Elisa. Os Goonies. Disponível em: <<http://www.autobahn.com.br/filmes/goonies.html>>. Acesso em: 21 out. 2008.

Afeições

Gláucia Aparecida Franklim

Através do tráfico de negros realizou-se efetivamente o contato de línguas negro-africanas e o português. A permanência do negro no Brasil deu diversas contribuições à nossa cultura, uma delas foi a incorporação de palavras africanas ao português. Assim, é imprescindível reconhecer a participação de falantes africanos na construção da língua e cultura representativas do Brasil.

Algumas palavras foram selecionadas para comprovar a influência africana na língua brasileira. Todas as sete palavras escolhidas foram retiradas do livro de Nelson de Senna, *Africanos no Brasil*, no campo semântico das afeições.

Acalanto

O significado desta palavra relaciona-se com o ato de embalar, fazer adormecer, aconchegar, tranquilizar.

Esta palavra é também considerada uma variação de *acalento*. Nelson de Senna afirma ser esta palavra de origem africana, mas no *Michaelis* e no *Novo dicionário da língua portuguesa*, a etimologia deste vocábulo é relacionada ao grego *akalanthís*.

O registro deste vocábulo encontra-se no *Novo Aurélio século XXI*. Esse vocábulo não encontra-se registrado na obra *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça, e também não é mencionado no *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e foi incorporado ao português do Brasil. No Google ela aparece 36 mil vezes.

Como abonação, encontramos esta palavra como título de um projeto: Projeto Acalanto. Esse projeto é formado por um grupo de pessoas amigas da comunidade, pais e filhos adotivos ou não, que se propuseram a desenvolver um trabalho de esclarecimento, estímulo e encaminhamento a adoção, tendo como objetivo básico evitar a institucionalização de menores e prevenir o seu abandono e marginalização.¹

Caçula

Esta palavra é muito utilizada na linguagem popular, geralmente para designar o filho mais moço, mais novo de uma família.

A palavra *caçula*, também apresenta outros significados, como 'a ação de socar ao pilão produtos como arroz, milho, café e outros'. Este trabalho é realizado por duas pessoas que alternam seus movimentos de elevar a peça do pilão e abaixá-la para amassar ou triturar o produto.

Este vocábulo também dá nome a uma bebida tônica.

Como mencionamos anteriormente é uma palavra muito utilizada na linguagem popular e foi inserida na língua portuguesa. Encontramos este vocábulo no *Dicionário Aurélio* e nas obras *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. No site de busca do Google ela é mencionada 121 mil vezes.

Para o significado de 'irmão mais novo', Nei Lopes apresenta a origem desta palavra com relação ao quimbundo *kasule*. Já para o segundo significado mencionado ('ato de socar') a etimologia apresentada é da palavra originada no quimbundo *ku-sula* ou no quicongo *kasula*. Para o terceiro significado ('bebida tônica'), a origem é do quimbundo *kakula*.

Esta palavra é muito difundida e como abonação encontramos este vocábulo inserido numa adaptação livre realizada por Wellington Almeida Pinto, do conto "O gato de botas", do escritor francês Charles Perrault:

Um moleiro da cidade Islington, na hora da morte, chama os três filhos e reparte entre eles a fortuna: um moinho, um burro e um gato. O mais velho fica com o moinho; o do meio com o burro e o caçula, com o gato.

Insatisfeito, o mais novo que se chamava Agamenon, reclama:

– Que fazer com um velho gato?

¹ PROJETO Acalanto.

Com pena, os dois oferecem trabalho ao irmão:

– Você pode puxar o burro, levando o trigo até o mercado.

Agamenon nem responde. Balança a cabeça, pensativo, enquanto estalava as unhas nos dentes. O gato, ao lado, percebe a tristeza do amo, e diz:

– Não se aflija, amo. Provarei que sua parte é a melhor. Sou tão esperto que aprendi a falar. Se confiar em mim, em pouco tempo se tornará um dos mais ricos do Reino.²

Cafuné

Em geral *cafuné* corresponde ao ato de acariciar delicadamente a cabeça de alguém. Este ato de acariciar pode produzir um leve som ou estalido com a unha para acalmar ou fazer alguém adormecer. *Cafuné* também é reconhecido como uma designação para uma pessoa muito magra, pequena, de corpo frágil, raquítico.

Encontramos esta palavra na *Dicionário Aurélio* e nas obras *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça.

Segundo Nei Lopes esta palavra vem do quimbundo *kifune*; já Renato Mendonça relaciona esta palavra a *kufundu*, também de origem quimbundo. No *site* Google esta palavra aparece 34.800 vezes.

Como abonação, encontramos esta palavra na música “Disritmia”, interpretada por Zeca Baleiro. Segue um trecho:

Me deixe
Te trazer num denço
Prá num cafuné
Fazer os meus apelos³

Calundus

Em geral *calundus* refere-se a um estado emocional de alguém. Significa geralmente ‘mau-humor’, ‘amargura’, ‘estado de irritação’. Este vocábulo também relaciona-se com a realização de celebrações religiosas, sempre acompanhadas com danças e músicas.

² PERRAULT. O gato de botas.

³ DISRITMIA.

Este vocábulo também é o nome de um ente sobrenatural que, ao incorporar em alguém, acarreta um estado de tristeza, e é também utilizado na linguagem popular para designar 'chiliques'.

Esta palavra está registrada no *Dicionário Aurélio* e nas obras *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça.

Renato Mendonça considera que esta palavra vem do quimbundo *kalundu*, e Nei Lopes admite também este termo como sendo de origem do quimbundo *kilundu*.

Encontramos esta palavra numa poesia de Gregório de Matos:

Que quilombos que tenho
Com mestres superlativos
Nos quais se ensinam de noite
Os calundus e feitiços⁴

Moleque

Esta palavra é muito utilizada na linguagem popular. Um dos seus significados relaciona-se com o caráter de uma pessoa. Chamar alguém de *moleque* é o mesmo que qualificá-lo como uma pessoa sem caráter, sem palavra, malandra. *Moleque* também pode designar uma criança de pouca idade. Esta palavra também evoca outros sentidos como 'menino negro' ou 'negrinho'. É possível que seja neste significado de etnia ('negro') que a palavra foi incorporada ao português, uma vez que o tom pejorativo utilizado para nomear os negros sempre atribui um significado depreciativo, qualificando-os como canalhas, pessoas que não têm nenhum valor.

É válido ressaltar que a palavra *moleque* também é utilizada para caracterizar alguém como divertido, engraçado. Uma escora que serve para sustentar o forro da casa também é chamada de *moleque*, ou ainda uma barra de imã que se utiliza para separar o ouro das partículas de ferro.

Encontramos esta palavra registrada no *Dicionário Aurélio* e nas obras *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça.

⁴ MATOS. Crônicas do viver bahiano seiscentista - o burgo.

Incorporada à língua portuguesa, Nei Lopes considera a etimologia deste vocábulo como de origem do quicongo *ma-léke*. Já Renato Mendonça relata esta palavra como de provável origem do ambundo *muleque*. No site do Google, *moleque* aparece 219 mil vezes.

Como abonação, vejamos a canção “Moleque maravilhoso”, de Raul Seixas, no qual o vocábulo aparece muitas vezes:

Eu nunca cometo pequenos erros
Enquanto eu posso causar terremoto
E das tempestades já não tenho medo
Acordo mais cedo
Eu nunca me animo de ir ao trabalho
Eu sou o coringa de todo baralho
Sou carta marcada em jogo roubado
A morte ao meu lado
Eu sou o moleque maravilhoso
Num certo sentido o mais perigoso
Moleque da rua, moleque do mundo, moleque do espaço
Quebrando vidraças do velho Ricardo
Nesta vizinhança sou filho bastardo
Com o meu bodoque sempre no pescoço
Eu exijo meu, eu exijo meu, eu exijo meu osso
eu exijo meu osso
eu sou o moleque maravilhoso⁵

Muxoxo

Podemos relacionar esta palavra ao ato de tocar delicadamente com os lábios, beijar delicadamente, numa demonstração de afeto.

Outro possível significado é ‘bico que se faz para alguém (com os lábios)’, ou ‘estalido com a língua’, para demonstrar desprezo, contrariedade, aborrecimento.

Muxoxo é também o nome de uma árvore possivelmente vinda da África, encontrada na região amazônica, em solos pantanosos e ao longo de rios.

A palavra *muxoxo* encontra-se registrada no *Dicionário Aurélio* e nas obras *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *A influência*

⁵ MOLEQUE maravilhoso.

africana no português do Brasil, de Renato Mendonça. No *site* do Google esta palavra aparece 1.800 vezes.

Foi incorporada ao português sendo muito utilizada na linguagem popular. Nei Lopes afirma que ela provém do quimbundo *muxoxu*. Renato Mendonça também considera este vocábulo de origem do quimbundo *muxoxo*.

Como abonação, encontramos a palavra mencionada numa crônica de Luís Fernando Veríssimo:

Palavreado

Gosto da palavra “fornida”. É uma palavra que diz tudo o que quer dizer. Se você lê que uma mulher é “bem fornida”, sabe exatamente como ela é. Não gorda mas cheia, roliça, carnuda. E quente. Talvez seja como “forno”. Talvez seja apenas o tipo de mente que eu tenho. Não posso ver a palavra “lascívia” sem pensar numa mulher, não fornida, mas magra e comprida. Lascívia, imperatriz de Cântaro, filha de Pundonor. Imagino-a atraindo todos os jovens do reino para a cama real, decapitando os incapazes pelo fracasso e os capazes pela ousadia.

Um dia chega a Cântaro um jovem trovador, Lipídio de Albomoz. Ele cruza a Ponte de Safena Escarcéu. A vista uma mulher vestindo uma bandalheira preta que lhe lança um olhar cheio de betume e cabriolé. Segue-a através dos becos de Cântaro até um sumário – uma espécie de jardim enclausurado, onde ela deixa cair a bandalheira. É lascívia. Ela sobe por um escrutínio, pequena escada estreita, e desaparecendo por uma porciúncula. Lipídio segue. Vê-se num longo concluído que leva a uma prótese entreaberta. Ele entra. Lascívia está sentada num trunfo em frente ao seu Pinochet, penteando-se. Lipídio, que sempre carrega consigo um fanfarrão (instrumento primitivo de sete cordas), começa a cantar balada. Lascívia bate palma e chama:

– Cisterna! Vanglória!

São suas escravas que vêm prepará-la para os ritos de amor. Lipídio desfaz-se de suas roupas - o sátrapa, o lúmpen, os dois fátuos – até ficar só de reles. Dirige-se para a cama cantando uma antiga minarete. [...]

Atrás de uma cortina, Muxoxo, o algoz, prepara seu longo cadastro para cortar a cabeça do trovador.⁶

⁶ VERÍSSIMO. Palavreado, p. 58.

Quindins

A palavra *quindim* geralmente é associada a um doce, no qual se utilizam ingredientes como gema de ovo, coco e açúcar. Este vocábulo também é usado para designar 'movimento gracioso'. Outra aplicação deste vocábulo é no tratamento carinhoso: chama-se de *quindim* a alguém muito querido, para expressar carinho.

Encontramos essa palavra no *Aurélio* e nas obras *Novo dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes, e *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça. Nas obras destes dois autores não é mencionada a etimologia desta palavra.

No *site* do Google esta palavra aparece 19 mil vezes.

Como abonação, encontramos esta palavra na música "Os quindins de Iaiá", de Ary Barroso, interpretada por Ciro Monteiro:

Os quindins de Iaiá
Comé, comé, come
Os quindins de Iaiá⁷

Referências

- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CUNHA, Antonio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- DISRITMIA. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/zeca-baleiro/49381/>>. Acesso em: 21 out. 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etmológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss*. Higienópolis: Pallas, 2003.
- MATOS, Gregório de. Crônicas do viver bahiano seiscentista - o burgo. Disponível em: <http://www.klickeducacao.com.br/2006/obralit/obras/122/Gregorio_de_Matos_o_burgo.pdf>. Acesso em 20 out. 2008.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1935.

⁷ OS QUINDINS de Iaiá.

MICHAELIS, Henriette; WEISFZFLG, Walter. *Michaelis*: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MOLEQUE maravilhoso. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/raul-seixas/165309/>>. Acesso em: 21 out. 2008.

OS QUINDINS de Iaiá. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/lana-bittencourt/1251235/>>. Acesso em: 21 out. 2008.

PERRAULT, Charles. O gato de botas. Adaptação de Wellington Almeida Pinto. Disponível em: <http://www.welingtonpinto.kit.net/contosinfantis/pag_1107847_015.html>. Acesso em: 21 out. 2008.

PROJETO Acalanto. Disponível em: <www.adocao.com.br/acalanto>. Acesso em: 21 out. 2008.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*: estudo sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte: Of. Graphics, 1938.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Palavreado. In: _____. *Comédias para se ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2001.

Partes do corpo

Cassiane Freitas

As palavras apresentadas neste trabalho foram retiradas do livro de Nelson de Senna *Africanos no Brasil*. Neste livro o autor apresenta várias listas de palavras que, segundo ele, são de origem africana. As sete palavras selecionadas designam partes do corpo humano. No entanto, verificaremos que há uma polêmica em torno de tais palavras, já que, em grande parte dos dicionários consultados, a etimologia não corresponde a línguas africanas, com exceção da palavra *muxiba*, em que há um consenso quanto sua origem do quimbundo.

Goela

O mesmo que garganta.

Antônio Geraldo da Cunha, Aurélio Buarque de Holanda e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* afirmam que *goela* é de origem latina (*gulella*, diminutivo de *gula*). Já Nascentes, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, mostra que tal palavra deriva do espanhol *goliella*. Nei Lopes, Yeda de Castro, Renato Mendonça e Francisco Borba não registram a palavra *goela* em suas obras.

O vocábulo ocorre na obra *O coronel e o lobisomem*. Segue o trecho: "O cantorista tirava da goela modinha sem jeito, coisa em que ele fazia as partes de um beija-flor maluco do juízo por uma estrela do céu."¹

¹ CARVALHO. *O coronel e o lobisomem*, p 204.

Gogó

Deriva de *goela*, *garganta*. Também conhecido como *pomo de adão*. Pode ser também 'pessoa que conta muitas mentiras'.

Nei Lopes admite que a etimologia de tal palavra é controversa. Segundo ele, o iorubá também possui uma forma semelhante, *gògóngó*. Segundo Aurélio Buarque de Holanda, Antenor Nascentes, Antônio Geraldo da Cunha, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e o *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, *gogó* é a formação popular de *goela*, ou seja, segundo eles, a palavra é de origem latina. Renato Mendonça e Francisco Borba não registram tal palavra em seus respectivos vocabulários.

A palavra encontra-se na obra *O coronel e lobisomem*: "Com isso, o magrelinho do gogó caído novas arrogâncias tomou."

Mocotó

Pata de animais bovinos que pode servir como alimento. Pode também representar 'tornozelo', 'calcanhar'.

Segundo Nelson de Senna em *Africanos no Brasil* esta palavra é de origem africana, mas também é recorrente no tupi. Nei Lopes, em sua *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* e no *Novo dicionário banto do Brasil*, afirma que *mocotó* vem do quimbundo *omu-koto*, *amu-koto*, que significa 'pata de boi, cabra, suíno etc'. Yeda Pessoa de Castro, em *Falares africanos na Bahia*, designa *mocotó* como de origem banta: *(ma)kooto*. No entanto, tais afirmativas divergem da perspectiva dos dicionaristas Francisco Borba e Aurélio Buarque de Holanda e de Renato Mendonça em seu livro *A influência africana no português do Brasil*, que classificam esta palavra como de origem tupi: *mboko'tog*.

Segue um trecho da letra de "Tudo vira bosta", composta por Moacir Franco e Rita Lee, em que há ocorrência da palavra:

O *fondue*, o *mocotó*
Pavaroti, Xororó
Ninguém vai escapar do pó
Sua boca e seu loló
Tudo vira bosta²

² TUDO vira bosta.

Munheca

Parte do corpo que liga o braço à mão (pulso); pode representar também 'pessoa sovina'.

A etimologia de tal palavra também é controversa. De acordo com Nei Lopes em seu *Novo dicionário banto do Brasil*, esta palavra parece mais próxima, como étimo, do quimbundo *nheka*, 'vergar'. Já o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e Aurélio Buarque de Holanda, apresentam *munheca* como derivação do espanhol *muñeca*. Heckler, Back e Massing, no *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, conservam a mesma definição, mas acrescentam que tal palavra também provém do galego *moneca*. Já Antônio Cunha afirma que *munheca* deriva do castelhano *muñón*. Tanto Renato Mendonça quanto Yeda de Castro não apresentam tal palavra.

A palavra *munheca* aparece na obra *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho: “– Estais em poder da munheca do Coronel Ponciano de Azeredo Furtado e dela não saireis, a não ser pela graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, que é pai de todos os viventes deste mundo.”³

Muque

Força muscular. Pode ser também 'o que se refere a músculo'.

Nei Lopes, em *Novo dicionário banto do Brasil*, afirma que esta palavra é de origem quimbundo (*muku-muku*) e significa 'braço'. Ele admite que tal afirmativa “abala a etimologia classicamente aceita”, já que Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Geraldo da Cunha e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* apresentam outra etimologia. Segundo esses, *muque* é originado da palavra *músculo*, de origem latina (*musculus*). Esta palavra não é apresentada nem por Yeda Pessoa de Castro em *Falares africanos na Bahia* e nem por Renato Mendonça.

Segue o trecho da composição de Caetano Veloso, “Eu sou neguinha”, na qual há ocorrência da palavra *muque*:

³ CARVALHO. *O coronel e o lobisomem*, p. 181.

Eu tava encostado ali minha guitarra
num quadrado branco, vídeo papelão
eu era um enigma, uma interrogação
olha que coisa
mas que coisa à toa, boa, boa, boa, boa, boa
eu tava com graça...
tava por acaso ali, não era nada
bunda de mulata, muque de peão
tava em Madureira, tava na Bahia
no Beaubourg, no Bronx, no Brás
e eu, e eu, e eu, e eu
a me perguntar
eu sou neguinha?⁴

Muxiba

Carne magra, pelanca. Pode significar também 'mulher feia' e 'seios flácidos de mulher'. Há um consenso em relação à origem dessa palavra. Ela provém do quimbundo *mu'xiba*, e nessa língua significa 'veia', 'artéria'.

Segue um trecho da letra da música "Normal em Curitiba", composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho:

Quero o essencial da vida
quero ser normal em Curitiba
renascer de parto natural
mamar numa doce muxiba
crescer num país tropical
supermercado em Carapicuíba
manter o ciclo menstrual⁵

Pança

Barriga grande; estômago.⁶

Mais uma vez, ocorrem divergências em relação à definição de Nelson de Senna. De acordo com Aurélio Buarque de Holanda, Francisco Borba, Antônio Geraldo da Cunha, Antenor Nascentes e os dicionários *Houaiss da língua portuguesa* e *Morfológico da língua portuguesa*, a origem desta palavra é latina (*pantex*), ou do espanhol *panza*. Nei Lopes,

⁴ EU sou neguinha.

⁵ NORMAL em Curitiba.

⁶ Esta palavra é apresentada por Nelson de Senna com a grafia *pansa*.

Yeda de Castro e Renato Mendonça não apresentam esta palavra em seus respectivos dicionários.

O vocábulo ocorre na letra da música "Afonzinho", composta por Caetano Veloso. Segue o trecho:

Cheio de amor pra dar
Já vem o Afonsinho, cheio de amor pra dar
Entrando neste bar, balançando a pança,
Gracejando as moças e me pede pra cantar
Uma canção que fala de amor
De alegria, de risos pra festejar
Mais um dia, uma noite, uma vida vivida
Bebida e feliz neste bar⁷

Referências

AFONSINHO. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/mauricio-tizumba/757729/>>. Acesso em: 18 out. 2008.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, Jose Cândido de. *O coronel e o lobisomem*: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de Campos dos Goitazes. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

EU sou neguinha. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/81367/>>. Acesso em: 18 out. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo *Dicionário Houaiss*. Higienópolis: Pallas, 2003.

MICHAELIS, Henriette; WEISZFLOG, Walter. *Michaelis*: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

NORMAL em Curitiba. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/rita-lee/231570/>>. Acesso em: 18 out. 2008.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*: estudo sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte: Of. Graph. Queiroz Breyner, 1938.

TUDO vira bosta. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/ritalee/81981/>>. Acesso em: 18 out. 2008.

⁷ AFONSINHO.

Esta segunda edição foi composto em caracteres Verdana e impressa a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

**Publicações Viva Voz
de interesse para a área estudos africanos**

Histórias de sabidos

Sônia Queiroz (Org.)

**Palavra africana em Minas Gerais
2. ed.**

Amanda Sônia López de Oliveira

**Negros pelo vale
2. ed. revisada**

Josiley Souza

**Vissungos
3. ed. revisada e ampliada**

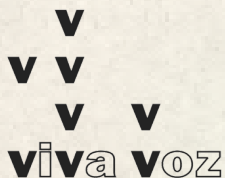
Neide Freitas

Sônia Queiroz (Org.)

Vissungos no Rosário

Sônia Queiroz (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.



